

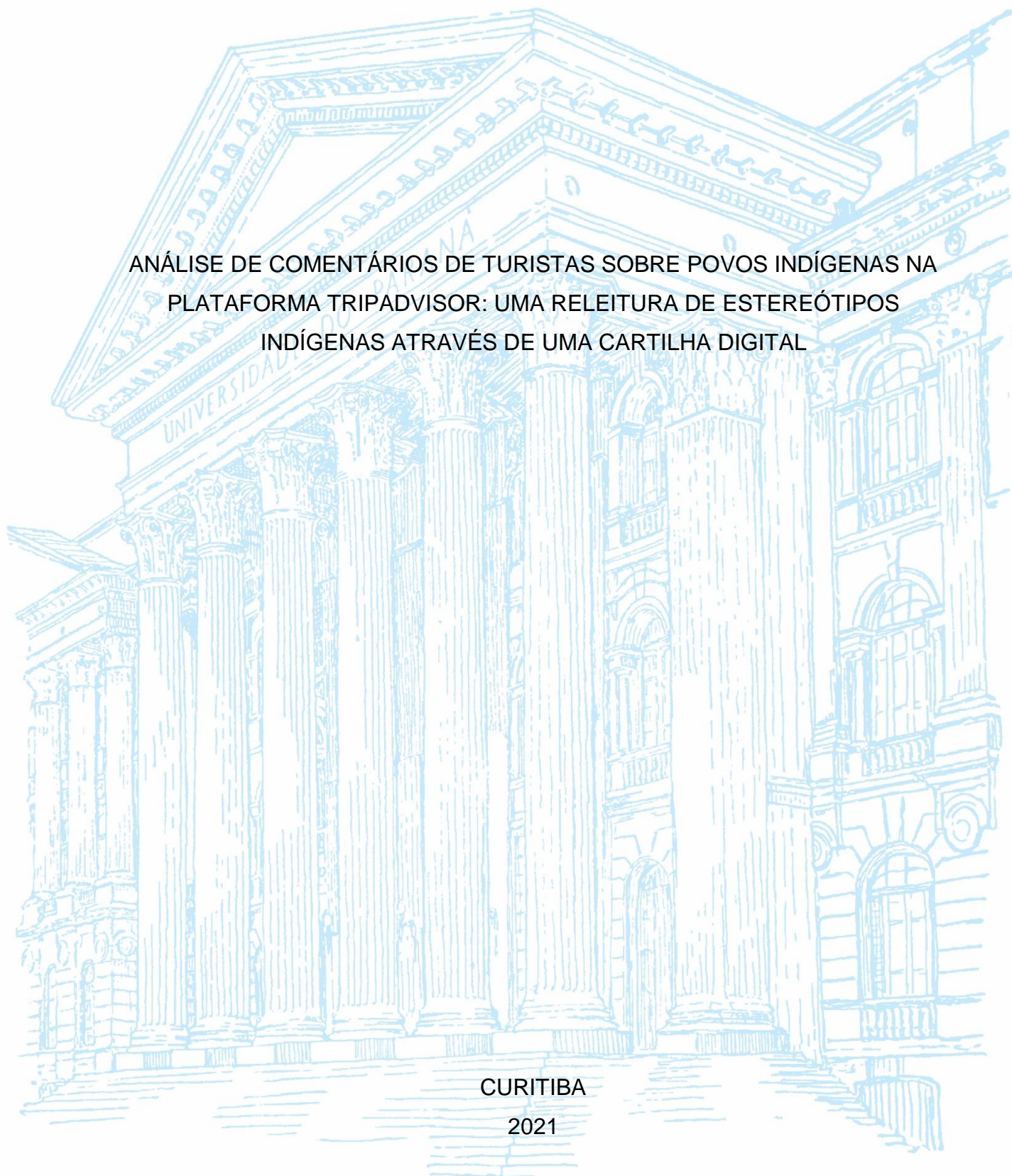
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RICARDO SANTOS STORNILO

ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DE TURISTAS SOBRE POVOS INDÍGENAS NA
PLATAFORMA TRIPADVISOR: UMA RELEITURA DE ESTEREÓTIPOS
INDÍGENAS ATRAVÉS DE UMA CARTILHA DIGITAL

CURITIBA

2021



RICARDO SANTOS STORNIOLO

ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DE TURISTAS SOBRE POVOS INDÍGENAS NA
PLATAFORMA TRIPADVISOR: UMA RELEITURA DE ESTEREÓTIPOS INDÍGENAS
ATRAVÉS DE UMA CARTILHA DIGITAL

Projeto de Planejamento e Gestão do Turismo II
apresentado ao curso de Turismo da Universidade
Federal do Paraná como requisito à obtenção do
título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane de Fátima Neri

CURITIBA

2021

Ao povo Pataxó da Terra Indígena Coroa Vermelha.

Ao povo Guarani Mbya da Terra Indígena Ribeirão Silveiras.

Ao povo Kaingang da Reserva Indígena Apucarana.

Ao povo Desana da Terra Indígena Rio Negro.

Ao povo Terena da Aldeia Urbana Marçal de Souza e principalmente a Maria Auxiliadora Bezerra, gestora do Memorial da Cultura Indígena de Campo Grande.

Meu profundo respeito e admiração por seus protagonismos históricos, por seus processos de constituição e transmissão de saberes, pela afirmação de suas identidades étnicas, pela valorização de suas línguas, pelas suas próprias formas de organização social e pelas suas próprias formas de conceber o turismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, inteligência suprema e causa primária de todas as coisas.

Aos meus pais (Angela e Marcio), irmãos (Rodrigo e Jácomo) e irmãs (Marcele, Mariele e Fabiane) pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

A minha companheira Geovanna Mariosi, fonte inesgotável de amor, que me deu total apoio e incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço. Obrigado por tudo meu amor, você foi essencial.

Ao Pedro Henrique Frasson Barbosa, principal responsável pela minha aproximação com a temática deste trabalho. Aprendi demais contigo! Serei eternamente grato por sua contribuição em minha vida.

A Universidade Federal do Paraná e a todo o corpo docente do curso de turismo, que oportunizaram a janela que hoje me permite vislumbrar um horizonte cheio de oportunidades.

A minha orientadora, prof.^a Luciane Neri, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A Sandra Corbari, incansável colaboradora desse projeto, motivo de orgulho e inspiração na área acadêmica do turismo. Nunca vou esquecer desse momento e de tudo o que você fez por mim.

Ao professor Sandro Campos Neves, por todo apoio na iniciação científica.

Por fim, meus agradecimentos a todos os meus amigos e amigas, companheiros e companheiras de trabalhos, irmãos e irmãs na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A todos e todas que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

Eu me vejo assim: um viajante, um arqueólogo do espaço, tentando em vão restaurar o exótico com o uso de partículas e fragmentos (Claude Lévi-Strauss).

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se a pensar, por meio do levantamento de cinco Áreas Indígenas do Brasil catalogadas na plataforma TripAdvisor, quais são as concepções e categorias utilizadas pelos turistas quando se reportam a essas Áreas Indígenas enquanto atrativos turísticos e também como se reportam aos povos indígenas. As categorias ou conceitos de tradição, aculturação e autenticidade foram os mais recorrentes, demonstrando que os povos indígenas são pensados de maneira estática e a indianidade é concebida de maneira equivocada. Levando estas reflexões em conta, propõe-se uma cartilha de sensibilização em formato digital visando desmistificar os povos indígenas contemporâneos do imaginário dos turistas. Por fim, a presente investigação se justifica por sua contribuição para a área de turismo pelo fato de trazer luz a dois temas emergentes: o turismo em Áreas Indígenas e os seus desdobramentos no ambiente virtual.

Palavras-chave: Turismo em Áreas Indígenas; TripAdvisor; Tradição; Aculturação; Autenticidade.

ABSTRACT

This research is dedicated to thinking, through the survey of five Indigenous Areas of Brazil cataloged on the TripAdvisor platform, which are the concepts and categories used by tourists when they report to these Indigenous Areas as tourist attractions and also how they report to indigenous peoples. The categories or concepts of tradition, acculturation and authenticity were the most recurrent demonstrating that indigenous peoples are thought of in a static way and Indianity is conceived in the wrong way. Taking these reflections into account, a digital awareness booklet is proposed in order to demystify contemporary indigenous peoples from the imagination of tourists. Finally, the present investigation is justified by its contribution to the tourism area by the fact that it sheds light on two emerging themes: tourism in Indigenous Areas and its developments in the virtual environment.

Keywords: Tourism in Indigenous Areas; TripAdvisor; Tradition; Acculturation; Authenticity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: SITUANDO O TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS.....	14
FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS	29
FIGURA 3: IMAGEM DE APRESENTAÇÃO CULTURAL NA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR	31
FIGURA 4: IMAGEM DE COLÉGIO DA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR	32
FIGURA 5: IMAGEM DE COLÉGIO DA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR	32
FIGURA 6: IMAGEM DE COLÉGIO DA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR	33
FIGURA 7: IMAGEM DO EXTERIOR DO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR.....	34
FIGURA 8: IMAGEM DE PLACA DO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTAS NO TRIPADVISOR	35
FIGURA 9: IMAGEM DE CARTAZ EDUCATIVO NO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR	35
FIGURA 10: IMAGEM DE EXPOSIÇÃO NO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR.....	36
FIGURA 11: IMAGEM DE PLACA DA COPEL COM ESCRITA NA LÍNGUA KAINGANG, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR.....	37
FIGURA 12- SALTO APUCARANINHA.....	37
FIGURA 13– IMAGEM DE CICLOTURISTA EM ESTRADA DE ACESSO AO SALTO APUCARANINHA, LOCALIZADA DENTRO DE ALDEIA	38
FIGURA 15: IMAGEM DE VIVÊNCIA INDÍGENA NA ALDEIA TUYUKA	40
FIGURA 16: ALIMENTO TÍPICO SERVIDO NA ALDEIA TUYUKA	40
FIGURA 17:IMAGEM DA RESERVA DA JAQUEIRA	42
FIGURA 18: COMERCIALIZAÇÃO DE ARTESANATO NA RESERVA DA JAQUEIRA	42
FIGURA 19: IMAGEM DE TRILHA NA RESERVA DA JAQUEIRA	43
FIGURA 20: IMAGEM DO TÓPICO DE AVALIAÇÕES DA RESERVA DA JAQUEIRA NA PLATAFORMA TRIPADVISOR	52
FIGURA 21: DIAGRAMAÇÃO DA CARTILHA	55

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: TÉCNICAS DE PESQUISA E OBJETIVOS	24
QUADRO 2: EXEMPLO DE TABULAÇÃO DE DADOS	26
QUADRO 3: ESPECIFICAÇÕES DOS ATRATIVOS ANALISADOS.....	30
QUADRO 4: NÚMERO DE COMENTÁRIOS SOBRE TRADIÇÃO, ACULTURAÇÃO E AUTENTICIDADE	45
QUADRO 5: CRONOGRAMA DETALHADO DO PROJETO	54
QUADRO 6: DESCRIÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS ENVOLVIDOS EM CADA ETAPA.....	56
QUADRO 7:DESCRIÇÃO DO ORÇAMENTO E DOS DESEMBOLSOS	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS	13
2.2 UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DO TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS.....	16
2.3 TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS E AS INTERAÇÕES ONLINE	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	23
3.2 TÉCNICAS DE PESQUISA	24
3.3 COLETA DE DADOS	25
3.3.1 Construção do Instrumento de Coleta de Dados.....	25
3.4 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	27
4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS.....	27
4.1.1 Descrição dos atrativos pesquisados	27
4.1.2 Descrição dos dados coletados no <i>Tripadvisor</i>	44
4.2 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	45
5 PROJETO DE TURISMO	50
5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO	51
5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO	53
5.2.1 Descrição das Etapas para a Execução do Projeto.....	53
5.2.2 Descrição dos Recursos Humanos	55
5.2.3 Descrição do Orçamento.....	57
5.2.4 Avaliação do Retorno do Investimento	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE 1 – PROTÓTIPO DA CARTILHA TETI.....	63
APÊNDICE 2 – PLANILHA DE DADOS	67

1 INTRODUÇÃO

A discussão a respeito da inserção do turismo em Terras Indígenas (TI) pode ser considerada nova quando se avalia o contexto brasileiro. Destacando-se que, além de não haver discussões aprofundadas da temática, o turismo indígena (BRANDÃO; BARBIERI; REYES JÚNIOR, 2015) passou a ser regulamentado em junho de 2015, a partir da Instrução Normativa 3/2015, da Funai, onde são apresentados os principais regulamentos para que as visitas com fins turísticos em territórios indígenas possam ocorrer (CORBARI; BAHL; SOUZA, 2017).

A partir dessa regulamentação, uma preocupação a respeito do que vem sendo discutido sobre o assunto ganha destaque e começa-se a avaliar as primeiras publicações que debatem a temática. Logo, deve-se salientar que as primeiras publicações identificadas se encontram publicadas entre as décadas de 1960 e 1970, porém sua emergência como tema acadêmico de importância pode ser situada, de modo mais abrangente, nos anos 1990. No Brasil, as pesquisas sobre turismo e povos indígenas teve como expoente o antropólogo Rodrigo Grunewald (1999).

Sobre a produção nacional, Neves, Leme e Santos (2019) destacam que ela possui uma amplitude bastante modesta, a despeito do grande potencial. Exemplo disso é o número de etnias indígenas brasileiras e a expressiva população indígena do país. Conforme o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), naquele ano, eram 305 etnias e aproximadamente 896 mil pessoas se declarando como indígenas (IBGE, 2010). Evidencia-se com este levantamento que são grandes as possibilidades de encontro entre os povos indígenas e os turistas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Neves, Leme e Santos (2019) destacam que, ainda que existam levantamentos em relação aos dados demográficos sobre os povos indígenas, bem como os dados sobre o aumento dos fluxos turísticos no Brasil¹, as análises específicas sobre o tema são pouco exploradas e numericamente escassas para

¹ Em 2015 foi aprovada, após um processo de consulta as comunidades indígenas realizada pela FUNAI, a instrução normativa que regulamenta o turismo em Terras Indígenas no Brasil. Em que pese seu aspecto meramente normativo e a recusa em lidar com os problemas mais sérios envolvidos, afinal tem-se alguma legislação a respeito a partir da Instrução Normativa n.3 de junho de 2015. Até então, a legislação existente previa apenas o ingresso em Terras Indígenas para fins de pesquisa científica a partir da Instrução Normativa N.1 / PRES /1995.

uma temática tão ampla. Essa escassez se aplica também ao enfoque quantitativo dos fluxos em Terras Indígenas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019), como, por exemplo, o número de visitantes, renda gerada, número de beneficiados, entre outros.

Dessa maneira, a proposta aqui apresentada é o desdobramento e aprofundamento de discussões analisadas em pesquisa de iniciação científica denominado “Panorama do Turismo em Terras Indígenas do Brasil a partir de publicações de turistas em meio virtual” que foi desenvolvida no âmbito do Departamento de Turismo, da Universidade Federal do Paraná, com coordenação do professor Sandro Campos Neves, iniciado em agosto de 2017 e finalizado em julho de 2019.

Nessa investigação, busca-se ampliar questões pouco exploradas no contexto acadêmico nacional, bem como o assunto referente a inserção de dados em meios virtuais a respeito da atividade turística em Terras Indígenas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Ainda que o contato entre povos indígenas e turistas continue acontecendo no mundo físico, há uma mescla de fatores deste contato no meio digital que não podem mais ser ignorados. (NEVES; LEME; SANTOS, 2019). Para Neves, Leme e Santos (2019), a expressão desse fenômeno se deve ao aumento da inserção de áreas indígenas em sites direcionados para a categorização de destinos turísticos, atrativos e seus respectivos serviços por parte dos turistas, tal como ocorre na plataforma *TripAdvisor*.

Nesse sentido, é objetivo importante compreender como os turistas percebem e vivenciam suas experiências nas aldeias indígenas. Logo, a questão norteadora dos objetivos a serem apresentados posteriormente pauta-se: O que dizem os comentários publicados por turistas na plataforma *TripAdvisor* a respeito do turismo em Terras Indígenas e que significados eles produzem para compreender tal realidade?

Partindo desses questionamentos, como objetivo geral busca-se analisar os comentários dos turistas na plataforma *TripAdvisor* a respeito do Turismo em Áreas Indígenas no Brasil. Para atingir o objetivo geral, foram delineados objetivos específicos, a saber: I) Realizar um levantamento das Áreas Indígenas que apresentam atividade turística, cadastradas na referida plataforma; II) Verificar quais conceitos e categorias são produzidos e veiculados pelos turistas analisados a

respeito de povos indígenas no Brasil; III) Analisar as publicações de comentários de turistas em meio virtual através do aplicativo *TripAdvisor* e; IV) Produzir uma cartilha digital que busca sensibilizar os turistas a respeito dos povos indígenas e dos estereótipos relacionados a eles.

Com base nos resultados da pesquisa, foi criada uma cartilha digital que tem como objetivo sensibilizar turistas que visitam áreas indígenas acerca da problemática existente na construção de estereótipos negativos sobre povos indígenas em ambientes virtuais. Com o advento da tecnologia, acredita-se que a cartilha digital será mais acessível e abrangente do que uma cartilha de caráter físico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

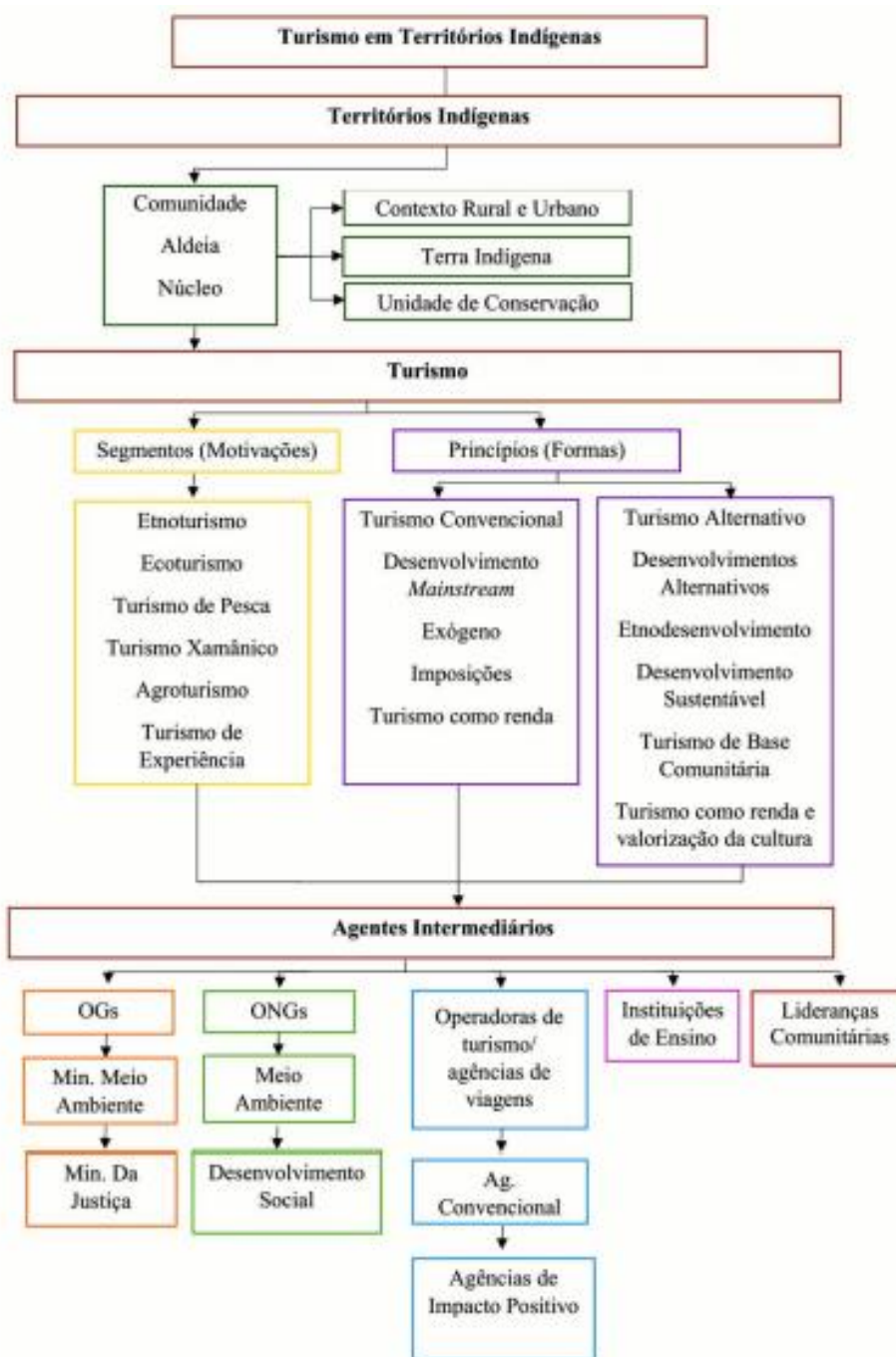
A revisão de literatura a seguir visa apresentar alguns aspectos centrais na discussão acerca do tema. Primeiramente, debate-se as questões referentes à inserção do turismo nas terras indígenas, destacando-se aspectos da legislação e da importância da atividade para o desenvolvimento do território indígena. Em seguida, discute-se a abordagem antropológica da temática e, por fim, a relação entre as interações online e o turismo em terras indígenas.

2.1 TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS

O turismo em terras indígenas, de acordo com Corbari, Bahl e Souza (2017), pode ser conceituado a partir das iniciativas de turismo que ocorrem dentro dos territórios indígenas delimitados pelo Estado, não inseridas aqui aldeias não homologadas e comunidades urbanas. No entanto, o termo é utilizado de forma generalizada para todos os atrativos que envolvam a temática indígena. Nesse contexto, pode-se inferir que há outros espaços que se utilizam da temática indígena, tais quais: os Museus e os Memoriais. Como exemplo, existe o caso do Memorial da Cultura Indígena de Campo Grande (MS), da qual será realizada uma breve introdução ao longo do trabalho.

Além disso, ressalta-se que, dentro de uma Terra Indígena é possível desenvolver diversos segmentos e modelos de turismo, não se limitando ao turismo étnico, conforme destacado por Corbari (2015) e Proença (2020). Sobre isso, Proença (2020) apontou as diversas possibilidades de turismo que podem ser desenvolvidas dentro desses territórios.

FIGURA 1: SITUANDO O TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS



FONTE: Proença (2020)

A questão do turismo em Terras Indígenas é bastante carente de uma abordagem mais sistemática e ampliada, tendo em vista as múltiplas realidades indígenas. Assim, essa investigação se espelhou em trabalhos de Grunewald (1999), Lac (2006), Leme e Trevisan (2006), Oliveira (2006), Castro (2008), Neves (2012), Corbari (2015; 2017) e Proença (2020), que abordam as diferentes

perspectivas que podem ser estudadas a partir do contato entre índios e turistas, bem como as interações que emergem a partir dessa ação.

Corbari (2015) destaca os reflexos oriundos do baixo número de estudos sobre o turismo em Terras Indígena e da inexistência de leis específicas até 2015, quando da publicação da Instrução Normativa 003/2015. Tanto os estudos quanto os documentos legais auxiliam a construção de um relacionamento saudável entre os visitantes e os visitados. Corbari, Bahl e Souza (2017) aprofundam a temática sobre legislação de turismo em TI e fazem uma discussão sobre os impactos positivos e negativos inerentes ao contato entre visitante e visitado.

Uma vez que a literatura específica comumente aponta o turismo como importante vetor de mudança cultural nas comunidades receptoras, a literatura sobre o Turismo em TI, majoritariamente, se debruça sobre os reflexos dessa situação para as sociedades indígenas. Faria (2005, p.74) afirma que

o cerne da questão, reside na presença de turistas, das mais diversas culturas, dentro da terra indígena, o que pode provocar não apenas descaracterização cultural como também perturbar o ambiente natural, o cotidiano das comunidades e promover uma mercantilização da própria cultura.

Em que pese tais constatações, deve-se considerar a complexidade da temática “impacto”, pois é preciso mensurar se esses impactos ocorridos em Terras Indígenas são oriundos da atividade turística ou de outras atividades econômicas e formas de interação com a sociedade não indígena.

Sobre isso, Proença (2020) diante das características de cada tipo de território, suas diretrizes, formas de desenvolvimento, tipo de turismo, motivações, entre outros aspectos, tem-se bases distintas pra se discutir os impactos socioculturais do turismo.

Conforme Corbari (2015), assim como qualquer atividade econômica, o turismo se caracteriza como uma “via de mão dupla”, no sentido de ser um potencial gerador de impactos negativos ou positivos, dependendo de cada caso específico e modo de gestão.

O turismo é uma atividade que pode gerar inúmeros benefícios para a comunidade e para a natureza, desde que seja planejado e gerido de forma responsável, visando a sustentabilidade e saindo dos padrões hegemônicos de exploração da natureza e das culturas que beneficia a poucos e prejudica a muitos.

Em comunidades indígenas, o turismo pode contribuir para a geração de renda das famílias, a diminuição do êxodo – especialmente dos jovens, a valorização de práticas culturais, o conhecimento e respeito do visitante, o empoderamento das comunidades, a reafirmação territorial, a preservação ambiental, a valorização das instituições locais (como associações e escolas), entre diversos outros impactos positivos. Além disso, o turismo contribui para outras atividades realizadas pelos indígenas, como a venda de artesanato (CORBARI, 2015).

No entanto, para isso, é preciso entender qual turismo se pretende desenvolver e como ele será desenvolvido, quem serão os envolvidos, qual o público-alvo (ou seja, quem visitará a TI), como será gerido o dinheiro arrecadado com as visitas, quais serão as ações de controle ao longo do tempo, entre diversos outros aspectos a serem levados em consideração.

2.2 UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DO TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS

A Antropologia do Turismo compreende predominantemente pesquisas etnográficas empreendidas por antropólogos que se inserem no campo do turismo, com perspectivas críticas acerca dos impactos do turismo no processo de mudança cultural nas comunidades visitadas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Um dos pioneiros no campo da Antropologia do Turismo foi Nuñez (1963), que ao destacar em seus trabalhos a dinâmica entre visitante e visitado, utiliza como base a categoria antropológica da aculturação. Sob o viés da aculturação, as transformações nas culturas indígenas são pensadas a partir de uma ideia de resistência cultural contra as interferências externas promovidas pelo contato com os visitantes, através da atividade turística.

Assim como para Neves, Leme e Santos (2019), o interesse dessa pesquisa se dá, na área da Antropologia do Turismo e nas análises de mudanças culturais, enquanto testemunho da existência de um sistema de dominação de uma cultura por outra. Seguindo essa teoria, podemos encontrar na Antropologia do Turismo inúmeras situações que potencializam as pressões do turismo como agente de transformação da cultura local, conforme pode ser visto em Neves, Leme e Santos (2019).

A relevância do turismo enquanto objeto de investigação de uma abordagem sociológica ganhou notoriedade e começou a ser desenvolvida na década de 1970 pelo antropólogo Erik Cohen (COHEN, 1988), que buscou trazer para seu campo de investigações aspectos que dão conta de pensar particularidades de processos específicos de mercantilização, tais como o ocorrido no contexto da hospitalidade e na localidade onde ocorrem essas percepções (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

É, principalmente, nesse contexto que a investigação produz uma discussão que será potencializada na Antropologia do Turismo, acerca das conexões entre hospitalidade, autenticidade e os efeitos de âmbito cultural, advindos de sua mercantilização (COHEN, 1988). Em sua investigação, todavia, Cohen (1988) explora detalhes ignorados por seus precursores e se cerca de riscos advindos dessa demanda investigativa (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Contudo, conforme destacam Neves, Leme e Santos (2019), uma revisão de literatura preliminar possibilita chegar a duas ideias centrais sobre a temática em vista. Em um primeiro momento as pesquisas realizadas sobre essa temática, dizem respeito a forma na qual a atividade turística em Terras Indígenas ocorre na relação entre turistas e populações indígenas no mundo físico. Posteriormente, elas abordam as questões sobre transformação cultural, impactos socioambientais e produção de imaginários sobre os povos indígenas necessitam de uma abordagem mais profunda em relação à complexidade da realidade brasileira.

2.3 TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS E AS INTERAÇÕES ONLINE

A presente investigação objetivou produzir um horizonte pouco investigado sobre a atividade turística explorando um campo de pesquisa amplo e acessível, o meio digital ou virtual, através do aplicativo *TripAdvisor*. Dada a importância que esse meio ganha na atualidade, operando como uma caixa de ressonância do mundo físico, acredita-se que tal enfoque é imprescindível (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

No mais, embora exista um vínculo fundamental enquanto base para o meio físico, a realidade virtual vem se configurando enquanto lócus inerente de produção de significados que se relaciona intrinsecamente com a realidade física. Ao mesmo tempo em que ela reflete significados que se espelham na realidade física, ou seja, cada vez mais imaginários e ideias construídas no meio virtual induzem as relações

físicas, mediadas pelos estereótipos produzidos anteriormente (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Com relação a este enfoque, se faz importante observar que o *TripAdvisor* faz parte de um mescla de práticas habitualmente classificadas como componentes do universo da economia colaborativa, onde consumidores, produtores e prestadores de serviço geram, incorporam e agregam valor aos produtos e as experiências e serviços por meio das relações virtuais buscando preservar sua reputação online (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Em pouco tempo, o *TripAdvisor* mudou profundamente o setor de turismo, incluindo as maneiras como os consumidores reservam serviços turísticos. Os consumidores hoje não contam mais apenas com as declarações de órgãos oficiais de turismo. Em vez disso, querem saber o que os outros turistas estão dizendo (SAFAAA; HOUSNI; BÉDARD, 2017).

Os turistas estão cada vez mais dispostos a compartilhar suas experiências nas redes sociais e também com o público. Essas expressões são inestimáveis para empresas de turismo e destinos (SAFAAA; HOUSNI; BÉDARD, 2017).

Ademais, importa-se notar que se a realidade virtual é um reflexo da realidade física, se faz necessário reconhecer que a introdução da tecnologia ampliou a elaboração e a propagação de representações sobre o mundo não virtual. Deriva, deste contexto, a constatação de que o ambiente virtual vem ganhando destaque enquanto objeto de pesquisa para o desenvolvimento de análises sociais mais amplas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Contudo, para Neves, Leme e Santos (2019) já existem investigações na área da economia colaborativa que são capazes de produzir reflexões sobre o elo entre a relação virtual entre consumidores, os prestadores de serviço e os produtores.

Todavia, parte expressiva da bibliografia acerca deste tema se vincula sobretudo aos aspectos monetários e mercantis desta realidade. A análise de sua perspectiva social e de construção de imaginários foi relegada, na área do turismo, a um pequeno número de investigações. Não há no campo bibliográfico brasileiro nenhuma pesquisa que busque investigar sequer a perspectiva econômica condizente ao turismo em Terras Indígenas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019)

Segundo Neves, Leme e Santos (2019), isso ocorre em parte devido ao turismo em Terras Indígenas ter acontecido sem assistência e regulamentação jurídica até o ano de 2015. Nesse ano, foi estabelecida a Instrução Normativa nº 003

da Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2015), que estabelece normas e diretrizes para o desenvolvimento turístico em TI. Conforme essa Instrução Normativa, após 2015 ficou permitido a prática do etnoturismo e do ecoturismo dentro das TI, desde que sejam baseadas no modelo de turismo de base comunitária, sustentável e que sigam as normas elencadas. Antes dessa regularização, só era permitida a entrada em Terras Indígenas com justificativa para a prática de pesquisa científica e com acesso limitado e fiscalizado pela FUNAI.

Também é possível assegurar o baixo retorno econômico deste tipo de segmento turístico e a pouca relevância que o mercado lhe concedeu, ainda que não exista uma quantificação oficial ou elaborada por estudos empíricos para amparar o primeiro aspecto.

Não obstante, conforme destacam Neves, Leme e Santos (2019), a atividade já acontece desde o início da década de 1970, tornando-se até em uma área de potenciais estudos científicos. Também há que se levar em conta o desenvolvimento de iniciativas voltadas para o turismo em Terras Indígenas como agências e guias especializados.

De maneira semelhante, tem se acentuado um novo modo de turistificação das Terras Indígenas no Brasil, amplificado, sobretudo, em meio virtual. Ainda que não seja considerado um aspecto inovador para o ambiente acadêmico o fato de os produtos e serviços turísticos escolhidos pelos consumidores serem influências advindas do ambiente virtual pelas opiniões de outros consumidores por intermédio de aplicativos e plataformas, essa configuração passa alheia ao tema do turismo em Terras Indígenas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019)

Segundo Neves, Leme e Santos (2019), tem crescido o número de turistas que decidem escolher os serviços e destinos turísticos a partir de comentários publicados em plataformas como o *TripAdvisor*. Ainda que exista um campo potencial para essa temática ser explorada na área do turismo, é incerto afirmar que a abrangência de seu avanço seja homogênea em relação aos múltiplos campos da atividade. É permitido constatar que ela é quase inexistente para atividade do turismo em Terras Indígenas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019). Dessa maneira, considera-se que a presente investigação tem potencial para contribuir para a mudança deste cenário a respeito do turismo em Terras Indígenas.

Consequentemente, o trabalho da Antropologia do Turismo é concebido a partir do contato entre o mundo indígena e o mundo não indígena e a partir destes

estabelecer uma epistemologia aplicada à atividade turística. Assimilar a maneira como cada um destes sujeitos idealiza a realidade que vivem seria a chave para compreender o turismo sob a perspectiva antropológica (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Com o advento da globalização, a etnografia - método de pesquisa amplamente utilizado na antropologia do turismo - passou a não mais dar conta da complexidade da mobilidade de pessoas, lugares e interconexões do mundo (Canosa et al., 2017). Canosa et al (2017) apontam que, no Século XXI emergiram diversas metodologias, dentre elas a netnografia, que permite a exploração de redes sociais por meio da análise de blogs, publicações em mídias sociais (como em *Facebook* e *Twitter*), fotos publicadas por usuários no *Flickr* e *Instagram* ou outras informações geradas por usuários, como o *TripAdvisor*.

Com esse método de pesquisa, busca-se elaborar uma investigação que dê conta ao menos de uma das faces desta particularidade turística, neste caso, a perspectiva do turista, através das categorias antropológicas de tradição, aculturação e autenticidade.

Conforme Neves, Leme e Santos (2019), a categoria antropológica da autenticidade desponta aqui enquanto fator fundamental para compreender as dinâmicas de relação entre visitante e visitado. MacCabbe (2009) *apud* Neves, Leme e Santos (2019), indica que existe por parte dos turistas uma busca incessante pela ideia que eles concebem de autenticidade local. Através desse raciocínio, o turismo em Terras Indígenas pode ser considerado um dos ambientes em que essas representações ocorrem (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Os problemas de compreensão da categoria autenticidade são fenômenos fortemente estudados na Antropologia do Turismo, conforme destacam Neves, Leme e Santos (2019). Admite-se, em boa parte da bibliografia a respeito, que visitantes buscam nas aldeias indígenas uma imagem fixa de autenticidade que alude ao conceito de tradição como aspecto estático da ideia de cultura e da construção da identidade do outro. Todavia, a formação dos significados em relação a noção de autenticidade não foram até então adequadamente examinados (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Sendo a autenticidade uma categoria indispensável nas relações da atividade turística em Terras Indígenas, a maneira na qual os turistas a concebem e através de quais concepções e imaginários é fabricado o conceito de “índio autêntico”, são

questões ainda pouco estudadas na área da Antropologia do Turismo (NEVES; LEME; SANTOS, 2019). A respeito disso, Neves, Leme e Santos (2019) enfatizam que uma interpretação estereotipada sobre autenticidade indígena não deve ser pensada como universal ou, quem sabe, até mesmo dominante.

Semelhantemente à categoria de tradição, que possui um imenso histórico de discussões acadêmicas, por sinal bastante desprezado pelo senso comum, emerge com uma relevância considerável no cenário do turismo (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

A busca pela compreensão das tradições locais e de uma elucidação, simplificada, acerca dos seus aspectos, é elemento essencial da visitação turística e da proposta de conhecimento do indígena pelos visitantes. Não obstante, os modos cujo são fabricadas noções sobre tradição não estão nítidos, ainda mais em seu panorama virtual (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

A análise a respeito de tradição ganhou importância rapidamente no campo do turismo, sobretudo nas reflexões acerca dos atrativos culturais (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Neves, Leme e Santos (2019, p. 967) reitera que

ainda subsiste no senso comum e na concepção de muitos profissionais da área uma visão endurecida da tradição. Tal concepção é um dos fatores complicadores das relações entre turistas e moradores locais. Em que pese o fato de a concepção sobre tradição haver avançado, inclusive no senso comum, é ainda muito comum a procura, por parte dos turistas, dos valores associados à autenticidade em supostas tradições imemorais e imutáveis.

Embora a concepção de turista tenha emergido enquanto um dos últimos objetos da investigação, ela é carente de uma análise mais aprofundada. A despeito da mudança ocorrida a partir das pesquisas sobre a atividade turística, ela é vista como uma categoria destituída de melhor análise, principalmente aquela que busca adequar as realidades socioculturais contemporâneas com a evolução da globalização (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Segundo MacCabe (2009), citado por Neves, Leme e Santos (2019), o conceito de turista utilizado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) é pouco abrangente, sendo empregado basicamente para a implantação e estruturação dos dados econômicos referentes ao fluxo. Essas conceituações se encontram distantes de questões contemporâneas, tais como a diversidade de interesses e a relevância

de temas específicos e urgentes, que sejam ambientais e socioculturais na escolha do destino e da característica da viagem (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

MacCanell (2009), citado por Neves, Leme e Santos (2019, p. 967) chama a atenção para a

emergência das demandas por autenticidade e tradicionalidade no que se refere aos turistas motivados por atrativos culturais, constata que tais transformações pouco mudaram o conceito de turismo e manifesta desesperança de sua modificação face ao maior valor atribuído à necessidade de construção de indicadores estatísticos da importância econômica da atividade.

Assim como para Neves, Leme e Santos (2019), nesta investigação também serão abordadas diversas definições usadas pelos visitantes para se expressar quanto à realidade encontrada, da mesma forma que os reflexos gerados naqueles que procuram opiniões de outros visitantes em ambiente virtual antes de viajar. Tais expressões irão surgir conforme sejam feitos os levantamentos dos dados e identificadas as categorias apropriadas.

Busca-se com essa pesquisa elucidar algumas questões referente à complexidade das relações existentes entre indígenas e turistas bem como o contexto específico onde essas relações acontecem. É ponto importante também refletir de que forma essas interações impactam na produção, divulgação e comercialização de produtos turísticos deste nicho de mercado específico (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nos procedimentos metodológicos abaixo, serão abordados o caráter do tipo de pesquisa utilizado, a técnica de pesquisa específica e a construção do instrumento da coleta de dados.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Da mesma maneira que para Neves, Leme e Santos (2019), essa investigação tem cunho exploratório e qualitativo. Ainda que sejam enumeradas as publicações analisadas, ela tem caráter qualitativo, pelo fato dessa enumeração não receber maior importância estatística. Será mais significativo para a este trabalho, o aspecto qualitativo e a compreensão de seus elementos. Receberá maior atenção o enfoque sobre a concepção por parte dos visitantes para se referir aos povos indígenas brasileiros e ao turismo em Terras Indígenas.

As áreas indígenas foram separadas por uma análise parcial, do total de itens cadastrados na plataforma *TripAdvisor*. Foram analisados comentários publicados desde setembro de 2019, quando se procedeu o recorte temporal e geográfico, e foi finalizada no início de fevereiro de 2021. A pouca quantidade de comentários e o recorte temporal, se justificam por estar em regime remoto em função da pandemia da Covid-19, o que resultou numa escassez de dados para análise devido ao fechamento das aldeias e também por haver menor tempo de análise para a elaboração do projeto.

Por esse motivo, para a elaboração do projeto foi selecionada uma aldeia ou Área Indígena de cada macrorregião brasileira (Amazonas na Região Norte, Bahia, Região Nordeste, São Paulo na Região Sudeste, Paraná na Região Sul e Mato Grosso do Sul na Região Centro-Oeste) e também por finalidade de explorar a representatividade étnica e cultural encontrada em cada uma dessas macrorregiões adicionado pelos conhecimentos obtidos através dos endereços eletrônicos da FUNAI e do ISA, que mantêm em seus bancos de dados informações sobre todos os povos indígenas conhecidos no país.

Esta pesquisa operou-se a partir das seguintes palavras-chave – “turismo em terras indígenas”, “aldeias indígenas”, “turismo indígena”, “áreas indígenas”,

“reservas indígenas”, “indígenas”, da mesma maneira como no trabalho de Neves, Leme e Santos (2019). Foram incluídos aqui, dois novos termos, “tribo” e “etnia”, pelo fato de notar-se bastante o uso dessas expressões, pelos turistas.

A partir desse procedimento chegou-se então às seguintes aldeias, terras ou áreas indígenas encontradas na plataforma: Aldeia Guarani Bertiooga (Guarani Mbya), Memorial da Cultura Indígena (Multiétnico), Aldeia Apucarantina (Kaingang), Comunidade Indígena Desana (Desana) e Reserva da Jaqueira (Pataxó), respectivamente localizadas nos estados e municípios de Bertiooga (São Paulo), Campo Grande (Mato Grosso do Sul), Londrina (Paraná), Manaus (Amazonas) e Porto Seguro (Bahia).

3.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

Para o alcance dos objetivos específicos foi utilizada a fonte de dados primária, por utilizar-se dos comentários do *TripAdvisor*. As técnicas de pesquisa foram a pesquisa bibliográfica e o levantamento documental, que deram embasamento à pesquisa. O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma planilha de Word, a ser descrita posteriormente e, para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo e o emparelhamento.

No Quadro 1 está a descrição das técnicas de pesquisa utilizadas.

QUADRO 1: TÉCNICAS DE PESQUISA E OBJETIVOS

Objetivos Específicos	Fonte de Dados	Técnicas de Pesquisa	Instrumento de Coleta de Dados	Análise dos Dados Coletados
i) Realizar um levantamento das terras indígenas que apresentam atividade turística, cadastradas na Plataforma TripAdvisor ii) Verificar quais conceitos e categorias são produzidos e veiculados pelos turistas analisados a respeito de povos indígenas no Brasil iii) Analisar as publicações de comentários de turistas em meio virtual através do aplicativo TripAdvisor	Primários	Bibliográfica e Documental	Planilha	Análise de conteúdo Emparelhamento

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

3.3 COLETA DE DADOS

Nessa etapa da pesquisa, se descreve qual o método específico utilizado para a coleta de dados, bem como de que forma esses dados foram tabulados e interpretados, precedendo a análise.

3.3.1 Construção do Instrumento de Coleta de Dados

No quadro dois, localizado na página seguinte (tópico 3.4), está o modelo da tabulação manual dos dados. Após esse primeiro tratamento analítico, foi aplicado o emparelhamento simples visando analisar os significados produzidos, tanto a partir de agrupamentos quantitativos de categorias, quanto a partir de análise qualitativa de comentários completos.

Após a análise de comentários foi realizada uma análise comparativa com a produção científica nacional e internacional para buscar identificar padrões que se repetem das análises dos autores e padrões divergentes, que irão emergir especificamente no meio virtual. Assim, foi possível identificar, ainda que parcialmente, peculiaridades da realidade no ambiente virtual, bem como delinear um panorama nacional do fenômeno estudado.

3.4 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Conforme sustentado por Gil (2002), o emparelhamento consiste em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los. Sendo assim, para a análise dos resultados, foi aplicado método de emparelhamento para confrontar a base teórica com o encontrado na pesquisa de gabinete; e a análise de conteúdo qualitativa para uma interpretação mais adequada dos dados de pesquisa. Foi utilizada uma planilha para a tabulação dos resultados obtidos (que pode ser visualizada no APÊNDICE 2), estratificando por atrativo, comentário e identificando também o tema do comentário, o autor, o local de origem, a data, o tipo de viagem (em família, com amigos, entre outros). Além disso, a planilha contou com uma análise sintética do comentário e quantos votos úteis o comentário teve na plataforma *TripAdvisor*. Abaixo tem-se um exemplo de como os dados foram tabulados (QUADRO 2).

QUADRO 2: EXEMPLO DE TABULAÇÃO DE DADOS

RESERVA PATAXÓ DA JAQUEIRA - ETNIA PATAXÓ				
Comentário	Tema	Autor/local/data/ tipo de viagem	Análise	Votos Úteis
<p>“Passeio maravilhoso com muita cordialidade dos índios desde o momento do contato pelo WhatsApp, recomendo a todos, é um mergulho na história que pouco conhecemos pelos livros. A cultura e raízes de nosso país precisam ser valorizadas e resgatadas. Devemos isso ao povo indígena pois eles foram muitas vezes expulsos de suas terras, massacrados, escravizados e muitas vezes mortos. Muitas vezes só olhamos o lado romântico da colonização portuguesa e a história que os livros não contam ainda permanece com os índios que resistem em preservar a suas origens”.</p>	Valorização e resgate cultural, preservação da origem	<p>Jabis Andrade</p> <p>Porto Seguro, BA</p> <p>Tipo de viagem: Não informado</p> <p>Data: Não informada</p>	O autor qualifica a experiência étnica, cultural e histórica na reserva e elogia os indígenas Pataxó por sua cordialidade.	16 votos úteis

FONTE: Dados da Pesquisa (2021).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente tópico serão debatidos os principais resultados oriundos da análise dos comentários postados no *Tripadvisor* pelos turistas que, em algum momento, visitaram os atrativos indígenas selecionados para o estudo.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Na apresentação dos dados coletados abaixo serão descritas todas as áreas indígenas levantadas na pesquisa.

4.1.1 Descrição dos atrativos pesquisados

Para responder a um dos objetivos específicos da pesquisa, foi feito um levantamento de todas as áreas indígenas catalogadas no aplicativo *TripAdvisor*. Chegou-se então a 13 áreas ou Terras Indígenas, sendo que quatro delas estão localizados na Região Nordeste, três na região sudeste e três na região Centro-Oeste, dois na região Sul e um na região Norte do país.

Na Região Nordeste encontra-se a Reserva da Jaqueira, localizada entre Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, na Bahia, onde a atividade turística envolve os Pataxó; a Aldeia Coroa Vermelha, também entre Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, habitada pelos Pataxó; o Museu Indígena Pataxó, da Aldeia Coroa Vermelha; o Museu Indígena Kanindé, do povo Kanindé, localizado na aldeia Sítio Fernandes, município de Aratuba, no Ceará; e Casa da Memória do Tronco Velho Pankararu, localizada na aldeia Brejo dos Padres, município de Tacaratu, Pernambuco.

Na região Sudeste localizam-se as áreas citadas no *TripAdvisor* como Aldeia Itanhaém, Aldeia Boa Vista e Aldeia Guarani Bertioga. A primeira diz respeito à aldeia Rio Branco, localizada na TI Rio Branco, em Itanhaém, São Paulo. A segunda, está situada na TI Boa Vista do Sertão do Promirim, em Ubatuba, São Paulo. A terceira, refere-se à aldeia Rio Silveiras, na TI Ribeirão do Silveira, entre Bertioga, São Sebastião e Salesópolis, também em São Paulo. As três são habitadas pelos Guarani Mbya.

Na Região Centro-oeste, estão situadas as áreas indígenas citadas no *TripAdvisor* como Memorial da Cultura Indígena, Parque Indígena do Xingu e Aldeia Wazare. O primeiro está localizado em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, sendo de caráter multiétnico. O segundo, trata-se do Parque do Xingu, localizado em área incidente nos municípios de Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Gaúcha do Norte, Feliz Natal, Querência, União do Sul, Nova Ubiratã e Marcelândia, no Mato Grosso. É habitado por 16 etnias (Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamayurá, Kĩsêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja e Yawalapiti). Por fim, a Aldeia Wazare situa-se no município de Campo Novo do Parecis, no Mato Grosso, e é habitada pelos Parecis.

Na região Sul, por sua vez, estão localizadas a Ilha da Cotinga e a aldeia Apucarantina. A primeira situa-se no município de Paranaguá, no Paraná, na Terra Indígena da Cotinga, território Guarani Mbya. A segunda diz respeito à Terra Indígena Apucarana, ou Apucarantina, no município de Tamarana, também no Paraná, habitada pelos Kaingang e alguns moradores Xokleng e Xetá.

Por fim, no Norte localiza-se a área descrita como Comunidade Indígena Desana, que diz respeito à Aldeia Tuyuka, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, em Manaus.

Do total de áreas indígenas citadas no *TripAdvisor* e apresentadas acima, foram selecionadas cinco áreas, conforme já descrito na metodologia. Dessa forma, abaixo apresenta-se a Figura 2, com a localização dos atrativos e um quadro, com especificações dos atrativos, contendo as etnias indígenas, suas localizações, o tipo de atrativo e o segmento turístico desenvolvido.

FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS



FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

Abaixo, apresenta-se o Quadro 3, com as etnias indígenas, com os atrativos e suas devidas localizações, o tipo de atrativo e o segmento turístico realizado. Esses atrativos serão descritos na sequência.

QUADRO 3: ESPECIFICAÇÕES DOS ATRATIVOS ANALISADOS

Atrativos	Etnias	Localização	Tipo	Segmento turístico
Aldeia Rio Silveiras – Terra Indígena Ribeirão Silveira	Guarani Mbya	Bertioga, São Sebastião, Salesópolis, SP	Aldeia	Turismo étnico, ecoturismo
Memorial da Cultura Indígena – Aldeia Urbana Marçal de Souza	Guarani, Kinikinau, Kadiwéu, Terena	Campo Grande, MS	Museu	Turismo étnico, cultural
Terra Indígena Apucaraniinha	Kaingang	Tamarana, PR	Atrativo natural de Terra Indígena	Ecoturismo
Reserva da Jaqueira - Aldeia Coroa Vermelha – Terra Indígena Coroa Vermelha	Pataxó	Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia	Reserva	Ecoturismo, turismo étnico, histórico
Comunidade Indígena Desana – Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé – Aldeia Tuyuka.	Desana	Manaus, AM	Aldeia	Ecoturismo, turismo étnico

FONTE: Elaborado pelo autor (2021) com base em ISA (s.d.); FUNAI (s.d.); TripAdvisor (s.d.)

O primeiro atrativo listado é a Aldeia Rio Silveiras, situada na Terra Indígena Ribeirão Silveira, localizada entre os municípios de Bertioga, São Sebastião e Salesópolis, no litoral do Estado de São Paulo (FUNAI, s.d.). A aldeia fica a aproximadamente 1,5 km da praia de Boracéia, principal praia de Bertioga e tem extensão de terra de 948 hectares, onde vivem aproximadamente 400 índios (MACHADO; PEREIRA, 2016). Ela foi demarcada como ocupação indígena pelo Decreto No 94.568, de 8 de julho de 1987, mas ainda está em processo de ampliação de terras.

A economia da Aldeia é baseada no cultivo e comercialização do palmito juçara e pupunha, no cultivo e comercialização de plantas ornamentais, bem como na confecção e comercialização de artesanatos e na atividade turística (ALVES, 2018).

O turismo na aldeia Rio Silveiras acontece de duas formas. A primeira é por visitação turística agendada ou não, por meio da qual o visitante tem a oportunidade de vivenciar a cultura local por meio de apresentação de dança, pintura facial, atividades como arco e flecha, além da prática do ecoturismo por meio de trilhas e banho de rio (MANTRA ADVENTURE s.d.). A segunda forma de visitação é na ocasião do Festival da Cultura Indígena Rio Silveiras, organizado anualmente pelas

prefeituras em conjunto com a comunidade. Este festival conta com exposição de artesanato, comida tradicional, apresentações de cantos e danças, arco e flecha, cabo de guerra e luta corporal (SÃO SEBASTIÃO, 2019). É importante destacar que as visitas à aldeia são comercializadas inclusive por agências de receptivo, como é o caso da Mantra Adventure², e por hotéis da região, como é o caso do hotel NauRoyal³.

FIGURA 3: IMAGEM DE APRESENTAÇÃO CULTURAL NA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO *TRIPADVISOR*



FONTE: TripAdvisor (s. d.).

² Disponível em: < <https://bit.ly/3bZJ6h7>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

³ Disponível em: < <https://bit.ly/3tD2Xsn>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

FIGURA 4: IMAGEM DE COLÉGIO DA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO *TRIPADVISOR*



FONTE: TripAdvisor (s. d.).

FIGURA 5: IMAGEM DE PLACA INFORMATIVA DA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO *TRIPADVISOR*



FONTE: TripAdvisor (s. d.)

FIGURA 6: IMAGEM DE UMA MALOCA DA ALDEIA RIO SILVEIRAS, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR



FONTE: TripAdvisor (s. d.)

O segundo atrativo listado é o Memorial da Cultura Indígena, localizado na primeira aldeia urbana do Brasil, a Aldeia indígena Marçal de Souza em Campo Grande (MS). Cabe destacar que este é o único atrativo indígena analisado que se encontra em zona urbana e diz respeito a um espaço cultural da prefeitura Municipal de Campo Grande.

A inclusão deste espaço no campo de análise se justifica pelo entendimento de que contemplam o mesmo tipo de público interessado na visita a Terras Indígenas. Assim, considera-se que os comentários que os turistas fazem sobre este espaço se constitui como sendo semelhante aos comentários que abordam o imaginário turístico sobre índios no Brasil.

Esse Museu tem características arquitetônicas indígenas e tem por finalidade a mostra das culturas indígenas (LACERDA, 2004). Segundo a gestora do memorial, os itens artísticos e artesanais encontrados dentro do memorial, são provindos das etnias Guarani, Kadiwéu, Kinikinau e Terena, fato esse que justifica o memorial ser considerado um espaço multiétnico (BEZERRA, 2020). Cabe destacar,

que o museu era uma das paradas do *city tour* promovido pela prefeitura municipal de Campo Grande, que se encontra desativado. Atualmente o maior público do memorial são alunos das instituições de ensino do município, que visitam o local principalmente durante o mês de abril (mês do índio) e para pesquisas (LACERDA, 2004).

Segundo Lacerda (2004, p.57), embora o memorial seja de iniciativa estatal e esteja sob administração pública, "os representantes indígenas têm aprendido a buscar as rédeas de seus projetos e lutado por seus direitos". Além disso, o museu foi criado para funcionar como um centro de exposição e venda de artesanato indígena e assim contribuir para a geração de renda para os artesãos (LACERDA, 2004).

FIGURA 7: IMAGEM DO EXTERIOR DO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTA NO *TRIPADVISOR*



FONTE: TripAdvisor (s. d.).

FIGURA 8: IMAGEM DE PLACA DO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTAS NO *TRIPADVISOR*



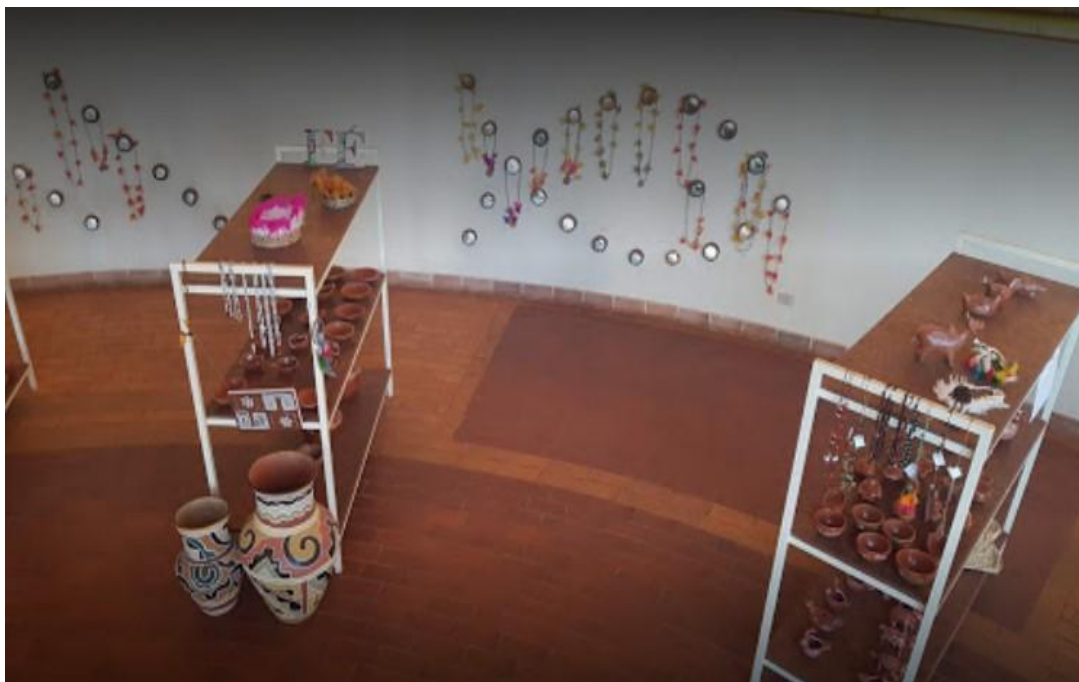
FONTE: TripAdvisor (s. d.).

FIGURA 9: IMAGEM DE CARTAZ EDUCATIVO NO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTA NO *TRIPADVISOR*



FONTE: TripAdvisor (s. d.)

FIGURA 10: IMAGEM DE EXPOSIÇÃO NO MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA, POSTADA POR TURISTA NO *TRIPADVISOR*



FONTE: TripAdvisor (s. d.).

O terceiro atrativo listado é “Reserva Indígena Apucarantina”, cujo principal motivo de visita é o Salto Apucarantina. Este, está localizado dentro da TI Apucarana, localizada no município de Tamarana (PR) e habitada por aproximadamente 1.400 pessoas, principalmente por Kaingang, mas também conta com moradores das etnias Xokleng, Guarani e Fulni-ô e alguns não indígenas (CIMBALUK, 2013).

A TI abriga 240 famílias que cultivam grãos, eucalipto, palmito pupunha, além de realizar plantio de hortas. Também são confeccionados artesanatos comercializados nas casas dos moradores (CODEL, 2015). O turismo não é uma atividade econômica nas três aldeias da TI. A presença da “Reserva” no *TripAdvisor* se dá por conta das visitas ao Salto Apucarantina, conhecido também como Salto Grande, uma queda d’água de 125 metros no Rio Apucarantina. Destaca-se que este salto é utilizado para geração de energia na Usina Hidrelétrica Apucarantina, localizada dentro da TI (COPEL, s.d).

FIGURA 11: IMAGEM DE PLACA DA COPEL COM ESCRITA NA LÍNGUA KAINGANG, POSTADA POR TURISTA NO TRIPADVISOR



FONTE: TripAdvisor (s. d.)

FIGURA 12- SALTO APUCARANINHA



FONTE: Kubo (2018)⁴

⁴ Disponível em: < <https://bit.ly/3rVoE6J>>. Acesso em 07 mar. 2021.

FIGURA 13– IMAGEM DE CICLOTURISTA EM ESTRADA DE ACESSO AO SALTO APUCARANINHA, LOCALIZADA DENTRO DE ALDEIA



FONTE: Wikiloc (s. d.).⁵

O quarto atrativo listado é a aldeia Tuyuka, catalogada como “Comunidade Indígena Desana”. Ela está localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (RDS), em Manaus (AM), Unidade de Conservação tutelada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Manaus (SEMMAS). A está localizada dentro da Comunidade de São João do Lago do Tupé. Essa comunidade é multiétnica, contando também com Tukano, Tuyuka, Makuna (DROULERS; KAGAN, 2019).

A comunidade recebe um fluxo considerável de turistas motivado pela presença dos Desana, mas também por estar localizado próximo à praia (LIRA, 2014). O turismo, realizado por empresas privadas, como hotéis, agências de viagem e barcos de passeio, se constitui em uma das principais atividades econômicas da comunidade. Segundo Lira (2014), as outras atividades realizadas são a agricultura e a exploração de rocha para construção.

⁵ Disponível em: < <https://bit.ly/3qYpsGD> > Acesso em 07 mar. 2021.

O turismo é gerido pela Associação Indígena Desana do Tupé e as atividades ofertadas, são apresentações de rituais e danças, com cobrança de taxa e comercialização de artesanato (LIRA, 2014). Assim como os Pataxó, os Desana recebem os turistas com indumentárias próprias e pintura corporal.

Segundo Barbieri (2018, p. 14)

qualquer turista que visite Manaus irá certamente fazer o tradicional passeio de lancha que percorre, claro, o rio Negro, bem como alguns de seus afluentes e igapós. Os pacotes oferecidos pelas agências de viagem incluem, dentre outros, a tradicional visita ao encontro das águas do rio Negro e do Solimões, interação com os botos, os golfinhos amazônicos, até mesmo a visita a uma aldeia indígena. Nem é preciso dizer que todos os excursionistas ficam extasiados com a possibilidade de conhecer uma aldeia indígena. E os agentes de turismo, cientes da excentricidade e do exotismo inerentes à possibilidade de ver índios nas suas próprias aldeias, costumam enunciar, entusiasmados, que os turistas terão a oportunidade de conhecer verdadeiros índios, que vivem na mata e que mantêm os costumes tradicionais dos seus ancestrais, tais como a dança e a alimentação com produtos da floresta.

Abaixo, apresenta-se imagens da aldeia Tuyuka, na comunidade Desana da RDS do Tupé.

FIGURA 14: NÚCLEO CULTURAL INDÍGENA CIPIÁ NA ALDEIA TUYUKA



FONTE: Camilli (2019)⁶

⁶ Disponível em: <<https://bit.ly/3bZsFBx>>. Acesso em 07 mar. 2021.

FIGURA 15: IMAGEM DE VIVÊNCIA INDÍGENA NA ALDEIA TUYUKA



FONTE: Rocha (2017)⁷

FIGURA 16: ALIMENTO TÍPICO SERVIDO NA ALDEIA



TUYUKA

FONTE: Rocha (2017)⁸

⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/3eUJtLO>>. Acesso em 07 mar. 2021

⁸ Disponível em: <<https://bit.ly/3eUJtLO>>. Acesso em 07 mar. 2021

Por fim, o último atrativo listado é a Reserva da Jaqueira, localizada na aldeia Coroa Vermelha, na TI Coroa Vermelha, entre os municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. Esta reserva, habitada pelos Pataxó, foi criada em 1998, tendo como objetivo inicial a preservação de uma porção de mata da TI. No entanto, a comunidade optou pela incorporação da atividade turística (NEVES, 2012).

Assim, a reserva recebe visitantes diariamente, com exceção dos domingos (CASTRO, 2008). Normalmente são turistas de férias na cidade de Porto Seguro. Logo, eles podem chegar à Jaqueira por conta própria, embora o mais comum seja serem intermediados por uma agência de turismo (CASTRO, 2008; NEVES 2012). Os turistas não passam pela aldeia de Coroa Vermelha, são conduzidos à Jaqueira a partir de uma estrada de terra que parte da frente de um dos bares de beira de praia mais badalados de Porto Seguro, por onde segue por 7 km até alcançar a Reserva (CASTRO, 2008).

Na reserva, há o pagamento de ingresso. Um guia recebe os visitantes e conduz a uma trilha até o centro de visitantes, onde ocorre uma palestra. Em seguida, tem a apresentação do Awê, ritual Pataxó. Após, realiza-se a visita à casa do Pajé, centro de artesanato, viveiro de mudas e escola indígena. Ao final, quando reservado, são servidas refeições com pratos tradicionais (NEVES, 2012).

Cabe ressaltar que há visitação de turistas estrangeiros. Neste caso, são os próprios guias das agências que fazem o papel de tradutores (CASTRO, 2008). Nos mais de 20 anos de existência da Reserva da Jaqueira, os Pataxó, contaram com apoio da Associação Pataxó de Ecoturismo (Aspectur), e de uma agência de turismo de Porto Seguro, denominada Pataxó Turismo (NEVES, 2012).

FIGURA 17:IMAGEM DA RESERVA DA JAQUEIRA

FONTE: Barreto (2016)⁹

FIGURA 18: COMERCIALIZAÇÃO DE ARTESANATO NA RESERVA DA JAQUEIRA

FONTE: Barreto (2016)¹⁰

⁹ Disponível em: < <https://bit.ly/3r8LJ4R> />. Acesso em 7 mar. 2021

FIGURA 19: IMAGEM DE TRILHA NA RESERVA DA JAQUEIRA

FONTE: Barreto (2016)¹¹

FIGURA 18 – IMAGEM DA RESERVA DA JAQUEIRA

FONTE: Barreto (2016)¹²

¹⁰ Disponível em: < <https://bit.ly/3r8LJ4R> />. Acesso em 7 mar. 2021

¹¹ Disponível em: < <https://bit.ly/3r8LJ4R> />. Acesso em 7 mar. 2021

O que se objetivou até aqui foi o levantamento de informações gerais sobre as áreas indígenas em análise. O que se apresentará a seguir são descrições dos dados encontrados nesses espaços.

4.1.2 Descrição dos dados coletados no *Tripadvisor*

Na plataforma *TripAdvisor* foram contabilizados 41 comentários de visitantes ao todo para a construção do presente projeto de pesquisa. Logo, deve-se salientar que esse número foi menor quando se compara aos dados encontrados na pesquisa de iniciação científica do qual se baseou essa investigação, por conta do baixo fluxo de turistas nas aldeias, motivado pela pandemia da Covid-19.

Mesmo não tendo a importância que tem os dados qualitativos para a presente investigação, apresenta-se um descritivo quantitativo dos dados a fim de que se torne minimamente visível para o leitor aspectos não estruturais, mas interessantes sobre a demanda turística, como o número de visitantes por estado e a classificação do tipo de viagem.

Sendo assim, nota-se inicialmente que o total de comentários, ainda que numericamente baixos, são desproporcionais entre os itens cadastrados na plataforma *TripAdvisor*.

Observou-se que do total de 41 comentários analisados, 13 viajaram com a família, quatro viajaram em casal, dois viajaram entre amigos, dois viajaram sozinhos e 19 não classificaram o tipo de viagem. A análise apontou também que dois estados se sobressaem com relação ao número de comentários na plataforma, são eles o estado de São Paulo com 10 comentários e o estado do Rio de Janeiro com nove comentários cada. Respectivamente, temos os estados da Bahia com quatro comentários, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul, Amazonas e Distrito Federal, ambos com dois comentários cada e Paraná e Alagoas, com um cada.

Ainda que esses dados sejam necessários para o melhor entendimento dos resultados, ressalta-se que o foco da descrição é a análise de comentários e a produção de estereótipos relacionados as categorias antropológicas de tradição, aculturação e autenticidade advindas do imaginário dos turistas em relação aos

¹² Disponível em: < <https://bit.ly/3r8LJ4R> />. Acesso em 7 mar. 2021

povos indígenas mencionados e devidamente analisados no marco teórico. Essa etapa pode ser observada no quadro abaixo (QUADRO 4).

QUADRO 4: NÚMERO DE COMENTÁRIOS SOBRE TRADIÇÃO, ACULTURAÇÃO E AUTENTICIDADE

Aldeia / TI	Tradição	Aculturação	Autenticidade
Reserva da Jaqueira - Aldeia Coroa Vermelha – Terra Indígena Coroa Vermelha	5	1	2
Aldeia Rio Silveira – Terra Indígena Ribeirão Silveira	1	0	0
Comunidade Indígena Desana – Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé – Aldeia Tuyuka	0	0	2
Memorial da Cultura Indígena – Aldeia Urbana Marçal de Souza	0	0	0
Terra Indígena Apucarantina	0	0	0

FONTE: O autor (2021)

4.2 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como primeira observação de análise dos resultados, nota-se que houve apenas uma variação significativa referente às temáticas dos comentários encontrados nessa coleta de dados, que diz respeito ao comentário de um turista que visitou a Reserva da Jaqueira, da etnia Pataxó, em dezembro de 2020, momento em que o Brasil vivia grande surto epidêmico por conta do vírus Covid-19.

Antes de entrar de fato na análise dos conceitos utilizados para essa investigação, se faz importante fazer uma observação. No aplicativo *TripAdvisor* existem dois atrativos catalogados relacionados aos Kaingang da TI Apucarantina. Eles estão catalogados como “Reserva Indígena Apucarantina” e “Salto Apucarantina”, ambos referentes ao mesmo atrativo turístico, a queda d’água conhecida como Salto Apucarantina. Foram encontrados apenas quatro comentários na soma das duas páginas e em apenas um deles existe a menção a existência de comunidade indígena.

Evidencia-se que há uma invisibilidade por parte dos turistas pelo fato de que eles desconhecem que o Salto está localizado dentro de TI e portanto precisam de autorização para visita. Chegou-se à conclusão que nem todo turismo que acontece nas TI é necessariamente um turismo étnico indígena, ou seja, ao mesmo tempo em que se tem um turismo indígena que acontece fora das TI, existe um turismo que acontece dentro de TI mas que não se configura como turismo étnico. Dessa maneira, nota-se que os turistas entram na TI pelo fato de querer muitas vezes visitar apenas o atrativo natural, como é o caso do Salto Apucarantina.

Feita essa breve observação e indo direto ao objeto de análise, nota-se que existem repetições em relação à temática dos comentários. Em que pese tal constatação, se pode aferir duas particularidades interessantes em relação a essa percepção.

A primeira delas diz respeito ao ambiente de análise. Assim como em Neves, Leme e Santos (2019), verificou-se uma dinâmica de repetição de comentários. Pode-se inferir, tal qual apontam os autores, que os turistas que utilizam o aplicativo para promover suas observações provavelmente o fazem após uma leitura de alguns dos primeiros comentários que conseguem visualizar. E, em seguida, os comentários seriam escritos promovendo uma repetição mais ou menos irrefletida do que relatam os comentários anteriores (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Neves, Leme e Santos (2019) apontam para uma segunda questão de análise e que se faz importante no contexto aqui investigado: a prevalência de um imaginário comum a respeito dos povos indígenas (o indígena como algo uno, sem diversidade étnica, socio e cultural). Isso se afirma por conta da semelhança dos dados e pouca variabilidade temática dos comentários, mesmo se tratando de etnias e áreas muito diversas.

Em um primeiro momento, destaca-se a presença das categorias antropológicas de tradição, aculturação e autenticidade.

Assim, haveria um conjunto de ideias que apelavam a categoria teórica “tradição”, tal como percebida pelo senso comum, tratando de caracterizar os povos e atrativos visitados como mantenedores da história, da cultura ou do artesanato e produção material indígena (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Sobre isso, Neves, Leme e Santos (2019, p. 970) assinalam que

o primeiro dado a respeito da ideia de tradição que se professa aqui é o modo como é tomada a ideia de cultura indígena. Os comentários pouco ou nada se referem ao aspecto da variedade das culturas indígenas visitadas, todos se referem a manutenção de uma única história indígena, uma única tradição indígena ou um único conjunto de produção artesanal que, ao que parece, se imagina como consistente e pertinente ao conjunto amplo das mais de 200 etnias habitantes do território brasileiro. Esse dado, por si, permite vislumbrar um aspecto da continuidade com o imaginário colonial, uma vez que o que ali se enfatizava era a diferença entre índios e europeus, percebendo-se os dois lados como blocos mais ou menos homogêneos discursivamente. A ideia de tradição que hoje se importa para a análise da realidade indígena no Brasil se refere a uma cultura indígena, uma história indígena e um conjunto de produção material, notadamente o artesanato, que se visualiza e transmite como homogêneo, sem realizar muita consideração a respeito de sua variabilidade (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Sendo assim, nota-se que no caso da experiência da Reserva da Jaqueira, além dos conceitos de aculturação, autenticidade, denota-se uma valorização do contato com “o outro”, ao mesmo tempo que o turista delimita uma fronteira étnica ao expressar a ideia de cultura em seus comentários. Destacam-se comentários como “um mergulho na cultura indígena Pataxó”, “esse povo de cultura tão rica”, “aula de cultura”, entre outros.

Outra reflexão importante a ser sinalizada é de que foi computado apenas um único comentário no *TripAdvisor* sobre a aldeia Rio Silveiras, pertencente aos Guarani Mbya. Neste comentário, a autora utiliza expressões como “experiência engrandecedora” e “eles nos ensinaram seus costumes e hábitos”, que são ideias que também sinalizam uma proximidade com a categoria de tradição.

Visto isso, assim como no caso dos Pataxó, nos comentários direcionados aos Desana também é perceptível que alguns visitantes valorizam o contato com “o outro” ao mesmo tempo em que delimitam uma fronteira étnica ao se utilizarem da ideia de cultura. São exemplos dessa reflexão comentários tais como “interação cultural”, “contato com uma das culturas indígenas do Rio Negro”, “preservam a sua identidade cultural, entre outros.

Essa ideia reflete a percepção de turistas que visualizam coincidência entre a experiência e suas expectativas anteriores, atestando que os indígenas mantêm sua tradição (NEVES; LEME; SANTOS, 2019). Nesse ponto, se destacam os comentários como “índios que ainda mantém muitas tradições”, “conhecer e vivenciar a cultura indígena”, “preservação da tradição”, “preservação da cultura e costumes”, entre outros.

Sequencialmente, existiria um agrupamento de representações que apelaria à categoria antropológica da “aculturação”. Em outras palavras, acredita-se que sempre há uma disparidade entre os indígenas vistos na experiência turística e os indígenas pensados a partir do imaginário estereotipado. Esse contraste representaria uma “perda” cultural indígena em direção a uma aproximação com a sociedade dos brancos e, conseqüentemente, esses indígenas estariam sofrendo aculturação (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Nesse aspecto, tal qual destacado por Neves, Leme e Santos (2019), qualquer indicador de utilização de tecnologias tidas por “modernas” ou “dos brancos” significa “uma colonização cosmológica indígena, como se junto com os objetivos eles necessariamente se apropriassem ou mais exatamente fossem apropriados ou colonizados pelas ideias e sistemas de entendimento dos brancos que supostamente viriam junto com os objetos” (NEVES; LEME; SANTOS, 2019, p. 970).

Desse modo, são comuns os comentários sobre o fato de os índios terem se modernizado, como indicadores de sua aculturação ou perda cultural. Nesse contexto, aparecem ideias como “apesar de serem bem diferentes de antigamente”, “claramente planejada para turista ver”, entre outros.

Um terceiro conjunto de ideias alude a situação exatamente oposta a esta, ou seja, uma aproximação à categoria teórica de autenticidade. Com relação a essa reflexão sobre a categoria de autenticidade, Neves, Leme e Santos (2019, p. 970) assinalam que

De tal modo, se comenta que seriam os índios autênticos sempre que se constata, na percepção do turista, uma relação de continuidade ou semelhança entre os índios efetivamente encontrados e o imaginário colonial que deles se preserva. Os comentários mediados pela ideia de autenticidade tendem a atribuir aos povos indígenas não apenas continuidade e semelhança como uma cultura e uma história – homogêneas e estereotipadas – indígena, mas também a lhes atribuir certa pureza primitiva como existente a separa-los da sociedade brasileira contaminada pelas vicissitudes da modernidade.

Assim, aparecerão ideias como “você tem uma ideia de como os índios vivem de verdade” e “tentam preservar a forma rústica de viver” como alusivos não apenas a uma suposta continuidade histórica, mas a uma pureza essencial.

Importante salientar também que alguns visitantes da Reserva da Jaqueira, por exemplo, se ativeram a caracterização da experiência turística, ao invés de buscar fazer uma análise socioantropológica dos Pataxó. Verifica-se, portanto, que como não há um julgamento negativo, os turistas consideram a experiência como autêntica. Mas se por um lado os turistas caracterizam a experiência como autêntica, por outro lado, esse fato induz ao entendimento de que existe também o índio inautêntico, ou seja, há um reforço positivo da cultura pataxó e ao mesmo tempo se coloca em xeque a autenticidade de outros povos.

Outra observação importante é feita a partir de comentários feitos por turistas sobre a aldeia Tuyuka da etnia Desana. O conceito de autenticidade é colocado em jogo pelos turistas, tentando classificá-los como “artificiais” e também quando afirmam que a atividade turística realizada é “claramente planejada para o turista ver”. Cria-se a partir desse tipo de comentário, uma ideia de que os indígenas agem e vivem de forma muito distinta quando não estão na presença de turistas. Dessa maneira, se mantém em seu imaginário, a ideia equivocada de que o indígena só é autêntico longe do contato com o “outro”.

Tal qual abordado por Neves, Leme e Santos (2019), por um lado, se analisa o grau de mudança cultural entre os índios realmente encontrados e a expectativa que os turistas tinham de como deveria ser sua cultura. Nesse aspecto, ao ocorrer uma grande discrepância entre expectativa e experiência, os turistas tendem a utilizar uma visão rasa do conceito de aculturação. Ou seja, são considerados aculturados os índios que não correspondem à expectativa de exotividade e diversidade cultural dos turistas (NEVES; LEME; SANTOS, 2019).

Desse modo, a conclusão a que se chega é de que não foram encontradas modificações significativas com relação às idealizações de turistas sobre povos indígenas nos comentários do *TripAdvisor*. Essas idealizações continuam produzindo concepções estereotipadas acerca da indianidade.

Portanto, considera-se como pressuposto a ser analisado em investigações futuras um novo tipo de categoria social de viajantes, categoria essa que fabrica uma dinâmica de exibição virtual sobre seus imaginários. Percebe-se que com o avanço dessas dinâmicas entre os turistas, bem como a inserção dos povos indígenas em plataformas como o *TripAdvisor*, que se torna-se cada vez mais necessário o avanço de pesquisas que envolvam as relações entre turismo, povos indígenas e o ambiente virtual.

Enfrentar essa constatação demanda a participação efetiva das comunidades indígenas no domínio das atribuições dirigidas a elas nas plataformas virtuais. Tendo em vista a realidade encontrada nos resultados dessa pesquisa, foi proposto o projeto de uma cartilha de sensibilização digital, que visa educar e sensibilizar os turistas que visitam Terras Indígenas, destacando a problemática de estereótipos sobre povos indígenas. Essa cartilha buscará o apoio da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), bem como da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), Instituto Socioambiental (ISA) e o *TripAdvisor*, almejando uma maior visibilidade e alcance dos turistas.

5 PROJETO DE TURISMO

Neste tópico será apresentada a proposta de projeto que foi criada com base nos resultados da pesquisa, bem como suas etapas de execução.

5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

Tendo em vista os resultados encontrados com a presente pesquisa, propõe-se uma cartilha de sensibilização em formato digital que tem como objetivo conscientizar os usuários do *TripAdvisor* a respeito dos povos indígenas brasileiros e do turismo em Terras Indígenas.

As cartilhas são ferramentas empregadas para instruir a população, normalmente em campanhas publicitárias, adotando muitas vezes materiais didáticos e instrutivos para tal (MARTEIS; MAKOWSKI; SANTOS 2011).

Neste caso, foi optado pelo formato digital pelo fato de que é nesse ambiente, especificamente na plataforma *TripAdvisor*, onde os estereótipos indígenas são materializados na forma de comentários e também pelo fato de o site ser o ambiente aglutinador das relações entre turistas que relatam suas experiências nas áreas indígenas.

A princípio, a ideia é que a cartilha seja disponibilizada na Plataforma *Tripadvisor*, justificada por ser um dos objetos de análise da pesquisa e onde há uma grande circulação de turistas que visitam Terras Indígenas ou atrativos com a temática indígena. Conforme pode ser visto na figura abaixo.

FIGURA 20: IMAGEM DO TÓPICO DE AVALIAÇÕES DA RESERVA DA JAQUEIRA NA PLATAFORMA TRIPADVISOR



FONTE: TripAdvisor (s. d.).

Futuramente a cartilha poderá ser disponibilizada também em outros espaços como por exemplo no site da Funai, Instituto Socioambiental (ISA) que é uma organização não governamental que busca defender bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos dos povos indígenas do Brasil, e da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), que é a instância de aglutinação e referência nacional do movimento indígena no Brasil. Visando um maior alcance, a cartilha poderá também ser disponibilizada em redes sociais.

Desse modo, o público-alvo são os usuários da Plataforma *TripAdvisor*. Em um primeiro momento se pensou em disponibilizar a cartilha de forma que apenas os usuários efetivamente interessados em atrativos indígenas pudessem visualizá-la, ou seja, a cartilha seria disponibilizada nas páginas específicas dos atrativos indígenas. No entanto, decidiu-se por disponibilizá-la na página geral do *TripAdvisor*, pois assim seria mais factível tecnicamente e ao mesmo tempo poderia sensibilizar e conscientizar o maior número de pessoas, além de fomentar a prática de visitação a locais com temática indígena.

O material será elaborado de forma interativa, de modo a possibilitar uma maior interação do leitor com o conteúdo. Além disso, será redigido com linguagem acessível, ou seja, evitando uma linguagem técnica. Espera-se com isso atrair a atenção de um maior número de usuários e incentivar o hábito da leitura. Um esboço

ainda que rudimentar da cartilha foi feito na plataforma online Canvas e pode ser visualizada no Apêndice 1.

O projeto será realizado pelo autor da pesquisa, que buscará o apoio da APIB, bem como da FUNAI e Instituto Socioambiental (ISA), almejando uma maior visibilidade e alcance dos turistas. Pelo fato de o projeto ser de pequeno porte, será elaborado e executado em aproximadamente seis meses.

A criação da cartilha de sensibilização online se justifica pela urgente desmistificação dos povos indígenas contemporâneos e do imaginário dos turistas que visitam as aldeias. Com base no que foi analisado, verificou-se que os turistas relacionam constantemente na plataforma *TripAdvisor* os conceitos de tradição, aculturação e autenticidade com um imaginário colonial sobre povos indígenas, idealizado nos séculos XVI e XVII. Através desses conceitos há muitas vezes uma distorção da imagem dos indígenas, como se eles fossem sujeitos passivos da história colonial.

Sendo sujeitos ativos da história, se faz necessário e urgente que os turistas comecem a pensar os povos indígenas a partir de novos paradigmas, com seu protagonismo histórico, suas formas próprias de organização social, a valorização de suas línguas, os seus valores simbólicos, a afirmação de suas identidades étnicas e o seu processo de constituição e de transmissão de saberes.

O projeto será realizado por trabalho voluntário em conjunto com a assessoria das instituições parceiras anteriormente citadas. A publicação da cartilha e quaisquer manutenções técnicas poderia ficar a cargo da empresa *TripAdvisor*.

5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

5.2.1 Descrição das Etapas para a Execução do Projeto

O processo de realização do projeto será composto por diferentes etapas. Em um primeiro momento será elaborado um primeiro desenho da cartilha. Após isso, serão realizadas reuniões com a APIB, FUNAI e ISA para definir os tópicos que vão compor a cartilha e receber o parecer sobre o conteúdo e necessidade de ajustes. Em seguida, será feito um levantamento bibliográfico amplo sobre o tema.

Sequencialmente, será elaborado roteiro e o desenvolvimento da cartilha, junto das instituições contempladas no escopo do projeto. As atribuições

relacionadas ao layout, diagramação e programação, ficarão por conta da web designer.

Após a finalização do projeto da cartilha e da aprovação por parte da APIB e com apoio da FUNAI e do ISA, será realizada uma reunião com o *TripAdvisor* para a apresentação da proposta e verificação da necessidade de ajustes.

Após essa etapa, a cartilha será encaminhada para revisão ortográfica e gramatical. Estima-se que a totalização deste processo, envolvendo todas as etapas da cartilha, levará oito meses, conforme pode ser visto no cronograma apresentado abaixo (QUADRO 5).

QUADRO 5: CRONOGRAMA DETALHADO DO PROJETO

Etapas do projeto	Mês 01	Mês 02	Mês 03	Mês 04	Mês 05	Mês 06	Mês 07	Mês 08
Definição do tema e elaboração inicial da cartilha	X	X	X					
Reunião com APIB, Funai e ISA para definir os tópicos que irão compor a cartilha			X					
Pesquisa bibliográfica e ajustes no conteúdo				X	X			
Elaboração do roteiro com a APIB, Funai e ISA					X			
Desenvolvimento da cartilha junto da APIB, Funai e ISA						X		
Layout, diagramação, programação							X	
Reunião com <i>TripAdvisor</i>							X	
Ajustes necessários								X
Revisão ortográfica e gramatical								X
Lançamento da cartilha								X

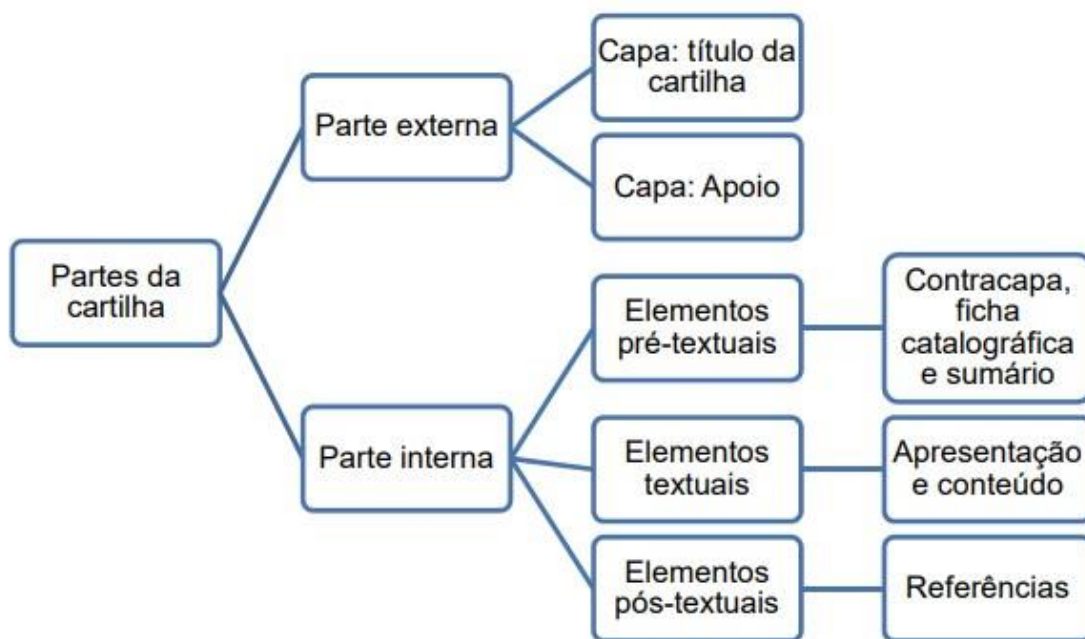
FONTE: O autor (2021)

Conforme Almeida (2017) as etapas para a elaboração de cartilha são: Definição do tema, definição dos tópicos que irão compor a cartilha, pesquisa bibliográfica, elaboração do roteiro e desenvolvimento da cartilha. Todas elas estão expostas no quadro acima. A autora também cita as etapas de impressão e

distribuição, mas ambas não serão utilizadas neste projeto, pelo fato de o mesmo ter formato digital.

O processo de diagramação da cartilha foi baseado na ilustração de Sabino (2016), na qual fica sintetizado o passo a passo desse processo.

FIGURA 21: DIAGRAMAÇÃO DA CARTILHA



FONTE: Sabino (2016)

A ideia é que a capa da cartilha contenha um título e um subtítulo, além de uma ilustração que retrate o protagonismo dos povos indígenas na construção da atividade turística em seus territórios. As páginas iniciais terão informações gerais sobre a estrutura da cartilha, bem como a ficha catalográfica e o sumário. Na contracapa serão apresentadas as instituições parceiras do projeto. Na ficha catalográfica haverá informações sobre o coordenador da cartilha e dos profissionais responsáveis pela diagramação e revisão gramatical. A última página será composta pelas referências bibliográficas.

5.2.2 Descrição dos Recursos Humanos

A respeito dos recursos humanos necessários para a execução do projeto, tem-se a seguinte organização:

- O autor/coordenador do projeto ficará encarregado da definição do tema e da elaboração da proposta inicial da cartilha digital. Dessa forma, estará incumbido de realizar uma pesquisa bibliográfica e documental para elaboração do conteúdo. Também será responsável pela organização de reunião com a equipe responsável na empresa *TripAdvisor*. Após a reunião, também se responsabilizará pelos ajustes demandados.
- O autor, juntamente à APIB, FUNAI e ISA estarão incumbidos de definir tópicos que irão compor a cartilha, além do desenvolvimento da cartilha em si e a elaboração do roteiro.
- O profissional de *webdesign* será responsável pelo layout da cartilha, da diagramação e de todo processo de programação, de modo a torná-la interativa e adaptada ao ambiente virtual.
- O profissional de revisão gramatical estará a cargo da revisão ortográfica e gramatical do material.
- O autor, juntamente com a APIB, a FUNAI, o ISA e o *TripAdvisor* serão responsáveis pelo lançamento da cartilha.

Abaixo tem-se um quadro, no qual é possível visualizar quem são os envolvidos e suas funções.

QUADRO 6: DESCRIÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS ENVOLVIDOS EM CADA ETAPA

Responsável	Funções
Autor e coordenador do projeto	Definição do tema e elaboração inicial da cartilha Pesquisa bibliográfica e ajustes no conteúdo Reunião com o <i>TripAdvisor</i> Ajustes necessários
Autor, APIB, FUNAI e ISA	Definição de tópicos que irão compor a cartilha Desenvolvimento da cartilha Elaboração do roteiro
<i>Webdesigner</i>	Layout, diagramação e programação
Revisor gramatical	Revisão ortográfica e gramatical
Autor, APIB, FUNAI, ISA e <i>TripAdvisor</i>	Lançamento da cartilha

FONTE: O autor (2021)

5.2.3 Descrição do Orçamento

Por se tratar de um projeto de pequeno porte, o orçamento será feito a partir dos valores aqui listados. O coordenador cobrará R\$ 18,43 por hora trabalhada, valor calculado com base na média entre o menor e o maior valor da faixa salarial do turismólogo atualmente¹³, com as horas trabalhadas sendo distribuídas de acordo com as etapas do projeto, sendo elas: definição do tema e elaboração inicial da cartilha (5h); reunião com instituições para definição dos tópicos (5h); pesquisa bibliográfica e ajustes (42h); reunião com equipe do site *TripAdvisor* (5h); ajustes necessários (5h); elaboração do roteiro (24h); e desenvolvimento da cartilha (45h).

Isso resultaria no total de 131 horas trabalhadas, o que dá o valor final de R\$ 2.414,33 para a implementação total do projeto, com relação às demandas do coordenador. A princípio, a ideia é de que a cartilha tenha aproximadamente quinze páginas, e com isso o valor total da revisão gramatical e ortográfica da cartilha, será de R\$ 178,80, valor calculado com base na média do menor e maior valor da faixa salarial do revisor gramatical e ortográfico¹⁴, levando em consideração que seriam necessárias 6h para realização desse serviço.

Com relação ao orçamento do *webdesigner*, em consulta prévia ao site Abraweb¹⁵ foi levantado que o valor cobrado por hora trabalhada é de R\$ 55,00; em consulta prévia a um *webdesigner* independente, o mesmo relatou que demoraria aproximadamente 6 horas para iniciar e finalizar a cartilha digital, portanto, o valor total pelo serviço prestado seria de R\$330,00. Somando todas essas descrições de orçamento, o valor total do projeto, de acordo com todos os custos relatados, seria de R\$ 4.525,13.

¹³ Disponível em: < <https://bit.ly/30Zogbz/> > Acesso em 14 mar.2021

¹⁴ Disponível em: < <https://bit.ly/3s2YYoC> > Acesso em 14 mar. 2021

¹⁵ Disponível em: <<https://bit.ly/3vHB2cX> > Acesso em 18 mar. 2021.

QUADRO 7: DESCRIÇÃO DO ORÇAMENTO E DOS DESEMBOLSOS

Função	Desembolso
Coordenador	R\$2.414,33
Webdesigner	R\$330,00
Revisor gramatical	R\$178,80
Total	R\$4.525,13

FONTE: O autor (2021)

5.2.4 Avaliação do Retorno do Investimento

Por ser um projeto sem fins lucrativos, não é previsto um retorno do investimento. Ademais, conforme previsto no Estatuto do Índio, lei nº 6001/1973 Art.58, se constitui crimes contra o índio e a cultura indígena a utilização do indígena ou da comunidade indígena como objeto de propaganda turística ou de exibição para fins lucrativos, sob risco de detenção de dois a seis meses.

Por outro lado, há um retorno não monetizado. Para a empresa *TripAdvisor*, pensando sob a ótica da responsabilidade social, onde valores como a construção de uma sociedade mais sustentável está em jogo, significa que benefícios poderão ser angariados como o aumento da credibilidade gerando mais confiança no mercado e o alcance de maiores níveis de satisfação de seus investidores e clientes.

Para o coordenador, o retorno será a realização e materialização de tudo aquilo que ele absorveu dentro da universidade e tudo que ele aprendeu junto dos povos indígenas. Uma forma de retornar à sociedade o conhecimento adquirido e o investimento recebido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação buscou analisar a dinâmica de contato entre turistas e índios realizada nas áreas indígenas e reproduzidas no mundo virtual. A partir da análise dos comentários deixados pelos turistas na plataforma virtual *TripAdvisor*, verificou-se a recorrência de categorias como a de autenticidade, tradição aculturação. Estes conceitos ligados a estereótipos indígenas, ainda povoam o imaginário do turista que visita Terras Indígenas e de forma muito rápida, são amplamente difundidos na internet.

Diante disso, percebeu-se a urgência em sensibilizar e informar os turistas a respeito de maneiras mais sofisticadas de pensar os povos indígenas, suas histórias e transformações bem como a urgência em inserir os povos indígenas nas TICs (tecnologias da informação e comunicação).

As plataformas virtuais têm grande potencial pra se constituírem enquanto espaços de reflexões críticas acerca das questões socioambientais. Dar voz aos povos indígenas nesse processo, é passo importante para que o Brasil se torne um país mais igualitário e plural e a atividade turística, se torne cada vez mais, uma atividade inclusiva e transformadora.

Pensando nisso, foi proposta uma cartilha digital que visa estimular o turista a ter um novo olhar sobre povos indígenas, seus modos de vida e territórios e também visa estimular os povos indígenas a terem mais autonomia nos espaços virtuais. Este material será elaborado junto as organizações que historicamente atuam em prol das causas indígenas. São elas a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Instituto Socioambiental (ISA).

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. C. **Ñande Rekó: um diálogo entre o conhecimento tradicional e o uso de recursos naturais pelos Guarani Mbyá, na Reserva Indígena Ribeirão Silveira em Bertioga - SP.** 93 p. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade em Ecossistemas Costeiros e Marinhos), UniSanta, Santos (SP), 2018.
- BARBIERI, J. P. U. **Socioespacialidade, territorialidade e o movimento da Cobra-Canoa da Transformação: o caso Tuyuka.** 122 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, 2018.
- BEZERRA, M. A. **Conversa no chat com a gestora do Memorial de Cultura Indígena de Campo Grande (MS).** Facebook. 25 jan. 2021, 16h19. Aplicativo de mensagem de rede social.
- BONELLO, M. Festival indígena une cultura e arte na Aldeia Rio Silveiras, em Boracéia. Prefeitura de São Sebastião, 10 abr. 2019. Disponível em: < <http://www.saosebastiao.sp.gov.br/noticia.asp?id=N10420191537>>. Acesso em 7 mar. 2021.
- CANOSA, A.; MOYLE, B.; MOYLE, C.; WEYLER, B. Anthropology and sociology in tourism doctoral research. **Tourist Studies**, p. 1-24, Oct. 2017.
- CASTRO, M. S. M. **A Reserva Pataxó da Jaqueira: o passado e o presente das tradições.** Dissertação de Mestrado. PPGAS/UNB: Brasília, 2008
- CIMBALUK, L. **A Criação da Aldeia Água Branca na Terra Indígena Kaingang Apucarantina: “política interna”, moralidade e cultura.** 2013. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná.
- COHEN, E. Who is a tourist? A conceptual clarification. **Sociological Review**, n. 22, 1974, p. 527-555
- _____. Authenticity and commoditization in tourism. **Annals of Tourism Research**, 15 (3), 1988, p. 371-386.
- COPEL. Disponível em: < <https://bit.ly/2OFQIIM>>. Acesso em 7 mar.2021.
- CORBARI, S. D. **O Turismo Envolvendo Comunidades Indígenas em Teses e Dissertações: Retrato das Relações e dos Impactos Socioculturais.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Turismo, UFPR, 2015.

CORBARI, S. D; BAHL, M; DE SOUZA, S. R. A Semana Cultural Indígena da comunidade de Tekohá Ocoy, São Miguel do Iguçu, Paraná (Brasil) como meio de divulgação e valorização sociocultural. *Turismo e Sociedade*, v. 9, n. 1, 2016

DE FARIA, I. F. **Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas**. Número patrocinado por, p. 63, 2005

DO NASCIMENTO BRANDÃO, C.; BARBIERI, J. C.; JUNIOR, E. R. Análise da sustentabilidade do turismo: um estudo em comunidades indígenas no Estado de Roraima, Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 9, n. 3, p. 500-518, 2015.

EDISCIPLINAS. **Elaboração de Materiais Educativos**. Disponível em: <<https://bit.ly/3qYgkC0>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

FUNAI. Disponível em: <<https://bit.ly/3vFn3Eo>>. Acesso em: 14 dez 2020.

GIL, A. C. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRÜNEWALD, R. A. **Os 'Índios do Descobrimento': tradição e turismo**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ MN/PPGAS, 1999.

IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/2NwkB1P>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

LAC, F. **O turismo e os Kaingang na Terra Indígena de Iraí/RS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFPR, Curitiba, 2006

LEME, F. B. M.; TREVISAN, S. D. P. O resgate da identidade cultural: Meio para a sustentabilidade local. In: **Interações. Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, n. 12 (março de 2006). Campo Grande: UCDB, 2006.

LE TOURNEAU, F.; DO CANTO, O. **Amazônias Brasileiras** Situações locais e evoluções. Volume 1: Sínteses dos casos de estudo. 2019.

LIRA, S. A. de et al. **Reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé: avaliação de condições socioambientais da comunidade Nossa Senhora do Livramento**, Manaus-AM. 2014.

MACCABE, S. Who is a Tourist? Conceptual and Theoretical Developments. In: TRIBE, J. **Philosophical Issues in Tourism**. Channel View Publications, Bristol, 2009.

MACCANNELL, D. **The tourist: A new theory of the leisure class**. University of California Press, 1976

MARTENS, L. S.; MAKOWSKI, L. S.; SANTOS, R. L. C. Abordagem sobre Dengue na educação básica em Sergipe: análise de cartilhas educativas. **Scientia Plena**, v. 7, n. 6, p. 1-8, 2011.

NEVES, S.C. **A apropriação indígena do turismo: os Pataxó de Coroa Vermelha e a expressão da tradição**. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA/PPGAC, 2012

NEVES, S. C. et al. Tradição, Aculturação e Autenticidade nos relatos de turistas sobre povos indígenas em meio virtual. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 17, n. 5, p. 963-974, 2019.

NUÑEZ, T. Tourism, tradition, and acculturation: Weekendismo in a Mexican village. *Ethnology*, 2.3 1963, p. 347–352

OLIVEIRA, V. M. **Turismo, Território e Modernidade: um estudo da população indígena Krahô, Estado do Tocantins (Amazônia Legal Brasileira)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.

PROENÇA, A. R. G. B. **Turismo em Territórios Indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Amazonas/Brasil)**. 250 p. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RURALS. Codel Londrina, Londrina, 10 abr. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3eQYxu5>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

SABINO, L. M. M. **Cartilha educativa para promoção da autoeficácia materna na prevenção da diarreia infantil: elaboração e validação**. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016

SAFAAA L.; HOUSNI K.E.; BÉDARD F. Authenticity and Tourism: What TripAdvisor Reviews Reveal About Authentic Travel to Marrakech. In: **Schegg R., Stangl B. (eds) Information and Communication Technologies in Tourism**, 2017.

APÊNDICE 1 – PROTÓTIPO DA CARTILHA TETI



POVOS INDÍGENAS DO BRASIL


- Em pleno século XXI a grande maioria dos brasileiros ignora a imensa diversidade de povos indígenas que vivem no país. Estima-se que, na época da chegada dos europeus, fossem mais de 1.000 povos, somando entre 2 e 4 milhões de pessoas. Atualmente encontramos no território brasileiro 256 povos, falantes de mais de 150 línguas diferentes.
- Os povos indígenas somam, segundo o Censo IBGE 2010, 896.917 pessoas. Destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país.
- A maior parte dessa população distribui-se por milhares de aldeias, situadas no interior de 724 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL


Falar, hoje, em povos indígenas no Brasil significa reconhecer, basicamente, algumas coisas:

- Nestas terras colonizadas por portugueses, onde viria a se formar um país chamado Brasil, já havia populações humanas que ocupavam territórios específicos;
- Não sabemos exatamente de onde vieram; dizemos que são "originárias" ou "nativas" porque estavam por aqui antes da ocupação européia;
- Certos grupos de pessoas que vivem atualmente no território brasileiro estão historicamente vinculados a esses primeiros povos;
- Como todo grupo humano, os povos indígenas têm culturas que resultam da história de relações que se dão entre os próprios homens e entre estes e o meio ambiente; uma história que, no seu caso, foi (e continua sendo) drasticamente alterada pela realidade da colonização.


TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS

- 
- O turismo em Terras Indígenas é uma realidade relativamente recente para a atividade turística no Brasil.
 - Somente em junho de 2015, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) publicou a Instrução Normativa Nº 3, estabelecendo normas e diretrizes para as atividades de visitação com fins turísticos em Terras Indígenas.
 - Fruto de um longo debate e acúmulo ao longo dos anos na Funai, a regulamentação é um dos desdobramentos da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas (PNGATI) que prevê "apoiar iniciativas indígenas sustentáveis de etnoturismo e de ecoturismo, respeitada a decisão da comunidade e a diversidade dos povos indígenas."


REPENSANDO ESTERÓTIPOS INDÍGENAS

- 
- Quando lhe falam sobre "índios" o que lhe vem a cabeça?
 - Segundo a conclusão de uma pesquisa de iniciação científica que analisou comentários de turistas que visitam aldeias indígenas, há uma ampla reprodução de imaginários negativos e generalizações estereotipadas sobre povos indígenas.
 - De acordo a pesquisa, são encontrados estereótipos como: Índio acaturado, índio inautêntico, índio civilizado, etc.

REPENSANDO ESTERÓTIPOS INDÍGENAS

- 
- O que tem de errado nesses estereótipos?
 - O equívoco, se deve ao fato de que a imagem que se tem do indígena provém de uma idealização negativa que iguala e coloca sob um mesmo rótulo, culturas distintas e muito complexas
 - É preciso extinguir a ideia de um índio "ideal", que não fala português, anda nu, não utiliza tecnologia e nem anda pintado e vestido com cocar.
 - É importante valorizar a identidade de todos os povos indígenas e entender que eles continuarão sendo indígenas independente do estereótipo que os classificarem.

REPENSANDO ESTERÓTIPOS INDÍGENAS

- 
- Nunca é tarde para aprender a valorizar a importância cultural, social e ambiental de todos os povos indígenas, de aprender com suas formas próprias de organização social, de aprender sobre a valorização de suas identidades, bem como o seus processos de constituição e de transmissão de saberes e também como o seu protagonismo na atividade turística.

APÊNDICE 2 – PLANILHA DE DADOS

RESERVA PATAXÓ DA JAQUEIRA - ETNIA PATAXÓ

Comentário	Tema/ categorias	Origem do visitante	Data da viagem
O passeio permite conhecer melhor a cultura Pataxó e ter mais informações de como viveram os índios desde o descobrimento. Devido a pandemia algumas atividades estão suspensas durante a visita para evitar aglomeração. As crianças gostaram bastante e brincaram se caracterizando, utilizando o arco e flecha e também interagindo com crianças da aldeia.	Cultura, história	Jundiaí, SP	Dez. 2020
Passeio maravilhoso com muita cordialidade dos índios desde o momento do contato pelo WhatsApp, recomendo a todos, é um mergulho na história que pouco conhecemos pelos livros. A cultura e raízes de nosso país precisam ser valorizadas e resgatadas. Devemos isso ao povo indígena pois eles foram muitas vezes expulsos de suas terras, massacrados, escravizados e muitas vezes mortos. Muitas vezes só olhamos o lado romântico da colonização portuguesa e a história que os livros não contam ainda permanece com os índios que resistem em preservar a suas origens.	Valorização e resgate cultural, preservação da origem	Porto Seguro, BA	Não informado
O melhor passeio da região após as praias! A visita guiada custa R\$45,00 e por duas horas é possível ter uma pequena ideia do estilo de vida desses índios que ainda mantém muitas tradições! Possível ir em grupo ou sozinho.	Tradição	Rio de Janeiro, RJ	Não informado
Vale muito a pena conhecer a história e a cultura dessa tribo. Foram bem receptivos. Uma baita experiência.	História, cultura	São Paulo, SP	Jan. 2021
O passeio vale a pena e as crianças adoraram porque permite conhecer mais da vida e dos costumes dos índios pataxós que são um exemplo de povo acolhedor e que sabe viver em harmonia com a comunidade.	Costume, tradição	São Paulo, SP	Jan. 2021
Imperdível! Bem organizado, um mergulho na cultura indígena Pataxó. A palestra do Cacique é muito interessante, inclusive para aprender como é a realidade atual dos índios da região. Essencial!!! Melhor passeio.	Cultura, realidade atual	Niterói, RJ	Não informado
Um lugar incrível para conhecermos um pouco da história dos nossos antepassados. Índios caracterizados como vivem explicam e mostram um pouco da sua história, costumes e dia a dia. Vale cada centavo do ingresso, ainda mais com a degustação dos chás medicinais e do peixe no final do passeio.	História, costumes.	Salvador, BA	Dez. 2020
Foi muito aproveitador o passeio e poder conhecer um pouco mais da cultura dos índios pataxos. Recomendo	Cultura	Araruama, RJ	Dez. 2020

a quem for a Porto Seguro não deixem de visitar			
Nós adoramos a reserva. Muito interessante, recomendo. Índios muito educados e gentis. Desejo prosperidade e saúde para eles.	Índios educados e gentis	Bauru, SP	Nov. 2020
Gostei muito da aldeia dos pataxós teve uma palestra muito boa, e ainda uma dança, o artesanato muito interessante.	palestra, dança e artesanato	Não informado	Mar. 2020
Fui à Reserva com minha filha de 6 anos e amigas com suas filhas e amamos! Além da palestra de apresentação, quando podemos conhecer a história e cultura e também ter nossas curiosidades e dúvidas respondidas, fomos apresentados aos jogos que acontecem na aldeia, a escola e ao museu. Também conhecemos a forma como montam armadilhas para caça, as ervas e plantas utilizadas para tratar doenças e também conhecemos o Pajé e tomamos a sua benção. As crianças receberam a pintura facial e nós também não ficamos de fora. Também pudemos experimentar um peixe assado maravilhoso que é preparado para os visitantes. Foi um dia maravilhoso. Muito melhor do que eu imaginei.	História, cultura, tradição	Porto Seguro, BA	Mar. 2020
Quer uma experiência incrível, fora de tudo que você conhece ou já viu na vida?! Conheça a @reservapataxodajaqueira ! Acabei de chegar de lá e estou encantada com tudo que vi e aprendi! De longe foi um dos melhores passeios que já fiz! A paz e tranquilidade daquele lugar é algo indescritível! O conhecimento adquirido naquelas poucas horas que permaneci ali, é algo que levarei para vida! Valores: é cobrado 45,00 por adulto e 20,00 por criança para entrar ! (Eles mantêm a aldeia com esses valores e a venda de artesanatos) ! As visitas acontecem de Segunda a Sexta de 8:00 as 15:00hrs! A visita é guiado por um índio local que conta um pouco da história da Aldeia ! E também tem uma palestra contando a história dos Pataxo da Jaqueira ! Ao fim de visita você come um delicioso peixe preparado por eles na folha de palmeira!	Conhecimento, história	Patos de Minas, MG	Fev. 2020
Passeio interessante para conhecer da cultura indígena pataxó. Palestra, passeio pela mata, pintura de pele, arco e flecha, cachimbo da paz, um pequeno museu e um peixe assado muito bom. Vale a pena, além de culturalmente ser enriquecedor, o turismo ajuda a manutenção da reserva indígena	Cultura.	Não informado	Fev. 2020
Lugar bem interessante, voce tem uma idéia de como os indios vivem de verdade e seus costumes, apesar de já serem bem diferentes de antigamente, mas tentam preservar a forma rustica de viver	Costumes, autenticidade	Salvador, BA	Dez. 2019
Ter a oportunidade de conhecer a cultura Pataxó é uma maravilhosa experiência. Você é acompanhado durante toda a visita por um guia local indígena. Conhece sua cultura, suas danças, tem uma palestra com uma líder indígena, conhece suas armadilhas	Cultura, tradição	Não informado	Fev. 2020

manuais, usa arco e flecha , come frutas a vontade e no final come um peixe assado.... isso por R\$45,00/pessoa..... recomendo a todos			
Foi um passeio que valeu muito apenas para conhecer um pouco da vida dos índios na reserva Pataxó da Jaqueira. Foi uma verdadeira aula de história e vida que recebemos e que não é contada nas escolas. Nós todos da minha família e principalmente minha filha de 9 anos ficamos muito emocionados com tudo que aprendemos sobre esse povo de cultura tão rica. Sugiro muito esse passeio, principalmente com as crianças e adolescentes.	História, cultura	Belo Horizonte, MG	Jan. 2020
Passeio que vale muito a pena. Você passa a conhecer muitos costumes dos Pataxós, a arte, cultura, o dia a dia. É um mergulho nos primeiros moradores do nosso país. Você não precisa ir com guia ou excursão. Pode ir de UBER, o acesso é bem fácil. Chegando lá (eles funcionam das 9 as 15h), o passeio completo custa 45 reais por pessoa. Crianças pagam metade. Pagos em dinheiro. Falei passeio completo, porque pela manhã, o passeio tem danças, costumes, passeio pela trilha, degustação de peixe, pintura. À tarde, somente é feito um passeio pela aldeia e pintura, mas é cobrado dez reais a menos. Mas recomendo o passeio mesmo assim. O passeio é feito com os índios e somente por eles. Os mais novos são menos simpáticos. Os mais velhos são uma simpatia. Adorei conhecer e recomendo.	Costumes, cultura, história	São José dos Campos, SP	Jan. 2020
Ao visitar Porto Seguro é imprescindível conhecer essa Reserva indígena, o passeio proporciona conhecer e vivenciar a cultura indígena, o que é uma experiência única e, além disso, o ingresso permite que a tribo tenha mais recursos para manter e aprimorar o projeto e a qualidade de vida dos próprios índios... Mas vá com tempo para aproveitar todas as possibilidades e, se possível, leve dinheiro, pois não dá para ir e não levar algo do artesanato indígena...	Cultura, qualidade de vida	Porto Alegre, RS	Jan. 2020
Imersão cultural em aldeia indígena! Conhecemos toda a aldeia com explicações detalhadas de um guia indígena! Ao final do passeio um espetacular peixe na folha de mandioca!!!	Imersão cultural	Não informado	Jan. 2020
Vale muito uma passada na comunidade pataxó e sentir e presenciar parte da cultura dos povos indígenas. Aula de cultura, Brasil e superação de um povo.	Cultura, história	Manaus, AM	Jan. 2020
Um passeio que vale a pena. Conhecemos a cultura indígena. Programação com esposa e filhos de 15 e 8 anos. Todos adoraram o passeio. O ideal é chegar entre 10 e 11 horas da manhã. As 15 horas eles finalizam o passeio	Cultura	São Paulo, SP	Não informado
Passeio bem diferente e bacana. Queria muito conhecer a cultura dos índios e em Porto Seguro tivemos essa oportunidade. Achei bem bacana a	Cultura, típico	São Paulo, SP	Nov. 2019

explicação da cultura deles, depois teve um pequeno passeio por trilhas pra conhecermos um pouco da reserva (só o índio q nos acompanhou q não achei simpático, bem frio, mas talvez seja o jeito deles). Fomos conhecer o pajé. Depois experimentamos o peixe preparado na folha, muito bom. Tem tbm artesanatos q eles expõem numa especie de oca. Bem típico!! Fomos e voltamos de uber.			
Lugar incrível, com uma receptividade ótima, muito bom conhecer um pouco da cultura indígena, suas crenças, seu modo de viver... sai de lá literalmente com a alma purificada. Não deixe de comer o peixe que é servido no final da trilha, o peixe é maravilhoso! super indico!!	Cultura, crenças, modo de vida	Não informado	Jan. 2020
Vc vai passar o dia com os Pataxós e vai degustar um peixe maravilhoso. Vai dançar, cantar e ter uma consulta com um pajé , fazer trilhas por 45 reais por pessoa .Vai assistir uma palestra bem rápida de como eles vivem e sua história. Achei imperdível	Modo de vida, história	Brasília, DF	Jan. 2020
Acesso fácil, fomos de carro. Pagamos 45reais por pessoa para entrar e criança de 10 anos pagou metade. Isso nos deu direito de fazer o passeio, trilha, pintar o rosto, conhecer Paje e tomar chá preparado por ele, tentar acertar um alvo com arco e e flecha, comer frutas e um delicioso peixe assado numa folha da reserva que estava delicioso. Somos recebidos por um índio (a) que nos acompanha durante a visita. Durou cerca de 2h e as nossas filhas adoraram. Vale muito a visita!!!	Atividades	Curitiba, PR	Jan. 2020
Melhor passeio que guz em.Porto Seguro.Mexeu muito comigo.Guia Kramahua um amor!!nunca esquecerei este passeio.De Porto Seguro não gostei,mas valeu só por ter ido nesta reserva!!!	Experiência, emoção	Jaguarão, RS	Jan. 2020
Fomos por conta própria na viagem de final de ano em família. Meu marido queria conhecer os índios. Fomos muito bem recepcionados pelo Cacique que nos deu a maior atenção e nos explicou tudo sobre a cultura, recebemos a benção do pajé, tomamos chá, comemos banana e peixe assado na folha de palmeira. Fizemos comprinhas na lojinha. Foi um passeio muito bom!	Conhecer os índios, cultura,	Tatuamunha, AL	Dez. 2019
Pra mim foi o melhor passeio de Porto Seguro. Conhecer uma nova cultura foi muito especial. Eu achava que eram "pseudo" índios, que só usam a roupa para o evento dos turistas, mas não. São índios de verdade, da tribo Pataxó, que se organizaram e decidiram mostrar o etno turismo. Lá você vai comer um peixe que eles comem, atirar com arco e flecha, andar na mata com o índio guerreiro guia e dançar uma dança original da tribo cativante com eles. Para adultos e crianças vale muito a pena. Eu gostei muito. Vá fazer a trilha com o seu índio guerreiro e ele te mostrará em plena floresta como se comunicar na mata e as armadilhas que eles usam para capturar	Nova cultura, autenticidade, aculturação	Fortaleza, CE	Dez. 2019

pequenos animais.			
Os índios são muito organizados. Fazem uma bela recepção na entrada da Reserva e dali te levam para o interior da comunidade, no meio da mata. Você participa de uma palestra, danças, pinturas no rosto, trilhas pela mata, treinamento com arco e flecha, visita ao museu indígena e finaliza comendo um peixe assado na folha de bananeira. Em todo o passeio pela aldeia sempre estará acompanhado de algum indígena. No local também é possível adquirir artesanato indígena. É uma verdadeira imersão na cultura pataxó. O ideal é fazer o passeio de meio período, pela manhã, onde é possível fazer todo o roteiro e durante a tarde aproveitar a praia. Algumas agências cobram entre \$70 e \$80 Reais. Mas dá para ir de Uber e pagar só o valor de \$45 Reais.	Imersão na cultura	Brasília, DF	Nov. 2019
Lugar muito receptivo e de uma energia muito boa! Conhecer um pouco a cultura da tribo é enriquecedor e cada brasileiro deveria por obrigação conhecer e vivenciar o passeio, pois se aprende a respeitar mais a natureza e o próximo. Parabéns a tribo Pataxó pela luta do seu povo, e por acolherem os turistas de forma tão humana. S2	Cultura, aprendizado	Não informado	Nov. 2019
Enriquecedor pelo aprendizado cultural, te recebem super bem, ingresso 45,00 por pessoa. De 3 a 4 horas de passeio. Tem palestra, degustação de peixe, mais um monte de coisa, maravilhoso.	Aprendizado cultural	Não informado	Out. 2019
O melhor passeio de Porto Seguro, desde a chegada até o final tudo perfeito local limpo e lindo, adorei todo o conhecimento adquirido e a forma maravilhosa que todos os envolvidos se dispuseram aos visitantes FANTASTICO, parada obrigatório de quem vai a porto seguro.	Conhecimento adquirido	Não informado	Out. 2019
A Reserva é o primeiro passeio que todo turista precisa fazer, para já descarregar todas as energias negativas, o RAPÉ é altamente recomendável. Só pedir um Uber e chegar lá, o ideal é chegar até umas 9 horas da manhã para pegar o passeio completo. Custa 45 reais por pessoa acima de 5 anos, até 60 anos...	Qualificação da experiência, medicina tradicional	Não informado	Out. 2019
Uma experiência incrível. Participar da dança com os índios, eles fazem uma pintura em todos, passam rapé e depois servem um peixe na folha com batata doce e banana assada, com um chá. Eles são uns amores e super recomendo o passeio!	Experiência	Santos, SP	Out. 2019

Aldeia Guarani - Etnia Guarani Mbya

Comentário	Tema/categoria	Origem do visitante	Data da visita
Foi maravilhoso! Experiência enriquecedora, eles	Costume,	São Paulo,	Nov. 2019

nos ensinaram seus costumes, hábitos, e nos levaram na trilha até a cachoeira (que apesar de longo caminho, no fim foi recompensador). Lá não tem água ou comida para comprar, então se forem, levem essas coisas.	modo de vida.	SP	
--	---------------	----	--

Memorial da Cultura Indígena - Multiétnico

Comentário	Tema/categoria	Origem do visitante	Data da visita
Apesar do site informar que está aberto todos os dias, demos de cara com a porta fechada. Além disso os arredores está todo fechado por muros. Não vale a pena conhecer.	Atrativo fechado	São Paulo, SP	Não informada

Comunidade Indígena Desana – Etnia Desana

Comentário	Tema/categoria	Origem do visitante	Data da visita
A unidade foi feita de forma artificial, sem as qualidades rústicas necessárias à vida silvícola natural.	Artificial, autenticidade	Manaus, AM	Out. 2020
Visita para completar os roteiros do Rio Negro. Contato com uma das culturas indígenas do rio Negro com danças, artesanato e hábitos alimentares com respeito e organização. Se a visita for durante a tarde tente aproveitar para ver o por do sol. Vale a pena ir com a família.	Contato, hábitos	Rio de Janeiro, RJ	Abr. 2020
Rituais da cultura indígena do alto rio Negro, contada e dançada pelos habitantes da floresta, avalio com uma experiência gratificante e respeitosa, além de proporcionar um interação cultural e trazendo conhecimento e respeito pelo povo da floresta	Rituais, cultura, interação cultural, conhecimento	Não informado	Fev. 2020
Embora claramente planejada para turista ver, achei muito interessante a visita. Eles mostram, com profissionalismo, um pouco da rica cultura Dessana.	“para turista ver”, cultura, autenticidade	<u>Não informado</u>	Não informado
Vale muito a pena conhecer a tribo indígena as margens do rio negro. É um passeio cultura onde se observa mesmo que de moda rápido um pouco da cultura e dos hábitos locais	Cultura, hábitos	Rio de Janeiro, RJ	Dez. 2019
Amei esse passeio. Nunca havia tido contato tão de perto assim com índios. Foram muito receptivos e até dançamos com eles. É maravilhoso ver que ainda há muitos povos que preservam a sua identidade cultural e que vivem realmente na natureza e da natureza. Dessana é a etnia deles, e a linguagem predominante é a Tukano.	Contato, identidade cultural	Não informada	Out. 2019

Reserva indígena do Apucarantina – Etnia Kaingang

Comentário	Tema/categoria	Origem do visitante	Data da visita
<p>Passeio maravilhoso nessa queda do Apucarantina</p> <p>O local fica em uma reserva indígena com cerca de 50km de estrada de chão (maior parte do caminho com pedras), mas a paisagem do entorno já é estonteante e muito linda</p> <p>A queda em si fica dentro de uma instalação da COPEL</p> <p>Vale muito a pena sair da cidade e ir conhecer</p> <p>Contudo cuidado ao entrar na água pois é muito próximo a queda</p>	Atrativo localizado em TI	Londrina, PR	Jan. 2020